
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Sara Fonseca Prates

**“PROJETO RAÍZES”: O ESTUDO DO MEIO
FAZENDO HISTÓRIA.**



Rio Claro
2018

SARA FONSECA PRATES

“PROJETO RAÍZES”: O ESTUDO DO MEIO FAZENDO
HISTÓRIA.

Orientador: Prof^o Dr. Jorge Luís Mialhe

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2018

P912“ Prates, Sara Fonseca
“PROJETO RAÍZES”: O ESTUDO DO MEIO
FAZENDO HISTÓRIA. / Sara Fonseca Prates. -- Rio
Claro, 2018
69 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -
Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientador: Jorge Luís Mialhe

1. Estudo do Meio. 2. Ensino de História. 3.
Ensino Fundamental. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Desde pequena eu quis ser professora, brincava com lousinhas e giz e me imaginava como as minhas primeiras professoras, queria ser como elas. Aos dez anos, tive minha confirmação, após um derrame meu avô resolveu voltar a escola, para reaprender a ler e escrever e quando percebi, estávamos juntos fazendo as tarefas de casa e eu lhe explicava as lições e o ajudava a “juntar as letrinhas” para a leitura, em suas palavras, eu havia me tornado a sua “professorinha”, foi então que a universidade tornou-se meu maior sonho. Chegar aqui não foi fácil, mas eu não estava sozinha, ao longo do meu caminho, contei com inúmeras ajudas, todas as pessoas que passaram pela minha vida, tiveram seu papel na construção do meu caminho e eu reconheço cada uma delas, desde os meus amados familiares, as minhas prezadas professoras e professores e meus queridos amigos, pois uma coisa eu sei, ninguém constrói nada sozinho. Entretanto, aqui me atenho a citar apenas algumas das pessoas que diretamente contribuíram para este trabalho.

Ao longo da minha vida, aprendi a ter fé e a confiar nas providências divinas, portanto, em primeiro lugar, eu agradeço a Deus, por tudo que através dele eu tenho alcançado. Agradeço também as intercessões de minha Mãe Santíssima, que do céu olha por mim e ilumina cada um dos meus passos.

De maneira especial, agradeço ao meu querido orientador, professor Dr. Jorge Luís Mialhe, que com tamanha dedicação e paciência me auxiliou neste processo de construção da minha primeira monografia. Obrigada professor, por cada orientação e correção, pelos conselhos e por sempre responder prontamente aos meus pedidos de socorro, com toda sua gentileza. Me sinto privilegiada por ter sido orientada por alguém que tanto admiro, e eu o agradeço de todo o coração!

Grande ajuda recebi também de todos os integrantes do “Projeto Raízes” Gabriel, Tatyane, Isabela, Vinícius, Amanda, Júlia, Augusto e Matheus, que nestes meses me disponibilizaram de seu tempo, seus materiais e principalmente sua amizade. Aqui, agradeço em especial a coordenadora Luciana Poline Nunes, pois com você aprendi muito sobre o que é ser um professor, mais do que isso, aprendi sobre força, alegria, amizade, aprendi sobre humanidade e me tornei alguém melhor, espero que eu possa sempre seguir seu exemplo! A todos vocês “Raízes”, sou extremamente grata!

Durante estes quatro anos de vivência na universidade, algumas pessoas tiveram papel fundamental e não posso esquecê-las, Mariana e Silvia, graças a vocês pude superar diversos obstáculos, assim como pude viver momentos de muita felicidade e companheirismo, obrigada meninas, por dividirem comigo todos estes momentos. Sou grata também, a todos os professores que contribuíram para a minha graduação.

Por fim, agradeço aqueles que mais me apoiaram não apenas neste período, mas durante toda a vida, meus pais Pedro e Cristina e minha irmã Vanessa. Vocês são minhas maiores inspirações e também as pessoas que mais amo, obrigada por toda ajuda, por toda a paciência e dedicação, por me ensinarem os valores e a fé que trago comigo, por me ensinarem o amor, por me mostrarem que sempre posso recomeçar, por me ensinarem a acreditar em mim mesma e me mostrarem o verdadeiro sentido da palavra família, mesmo que do nosso jeitinho.

“A História tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando à construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social”

(Selva Fonseca)

RESUMO

O estudo de História vem se reformulando através dos anos, oportunizando assim a utilização de novas e diversificadas ferramentas e recursos que visem a formação dos alunos. Neste sentido, entende-se que o Estudo do Meio, contribui para a consolidação dos conteúdos da disciplina, por ser um método de ensino, que busca promover um contato entre os sujeitos e o objeto do conhecimento, possibilitando uma aproximação entre os conteúdos trabalhados e as situações reais vivenciadas pelos alunos, proporcionando que este conhecimento ganhe significados e permitindo que se construa sentimentos de pertencimento e identificação com a história e com os locais estudados. Sob esta perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo compreender as contribuições do estudo do meio no ensino de história para os alunos do ensino fundamental, a partir do Projeto Raízes, identificando suas influências no processo de construção do conhecimento e da percepção histórica e social de si mesmos como indivíduos e do meio que estão inseridos. Para que se desenvolva a pesquisa, será realizado um estudo de caso, com o “Projeto Raízes” do município de Americana, São Paulo, este realiza estudos do meio, como ferramenta para trabalhar a história local com os alunos do ensino fundamental da rede municipal. Pois a partir disto acredita-se possibilitar a viabilização do desenvolvimento de um olhar crítico sobre aquilo que se convive cotidianamente.

Palavras-Chave: Estudo do meio; Ensino de História; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The study of history has been reformulated through the years, thus allowing the use of new and diversified tools and resources aimed at the training of students. In this sense, it is understood that the Study of the Environment, contributes to the consolidation of the contents of the discipline, being a method of teaching, seeks to promote a contact between the subjects and the object of knowledge, enabling an approximation between the contents worked and the real situations experienced by the students, providing that this knowledge gain new meanings and allow the construction of feelings of belonging and identification with the history and with the places studied. From this perspective, this research aims to understand the contributions of the study of the environment in the teaching of history to the students of elementary school, through the "Projeto Raízes", identifying their influences in the process of knowledge construction and historical and social perception of themselves as individuals and also on the environment that they are immersed. In order to develop this research, a case of study will be carried out with the "Projeto Raízes" of the municipality of Americana, São Paulo, which carries out studies of the environment, as a tool to work with local elementary school students. Because, from this perspective, it is believed that it could be made possible the development of a critical eye on what is lived daily.

Keywords: Study of the environment; History teaching; Elementary School

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mensagem de uma professora que participou do Projeto Raízes com seus alunos	62
Figura 2 – Trabalhos realizados a partir das participações do roteiro Projeto Raízes.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	12
1.1 Perspectiva Histórica do Ensino de História.	12
1.2 Ensino da História Local e do Município.....	19
2. O ESTUDO DO MEIO.....	22
2.1 Perspectiva Histórica.....	22
2.2 Caracterização do Estudo do meio.	24
3. O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E O ESTUDO DO MEIO	28
3.1 A História no Ensino Fundamental.....	28
3.2 Contribuições do estudo do meio para o ensino da história local.....	35
4. PROJETO RAÍZES	43
4.1 Caracterizando o Projeto Raízes.....	43
4.2 Metodologia.....	45
4.2.1 Acompanhando um Roteiro.....	46
4.2.2 Análises dos documentos.....	50
4.3 Resultados.....	52
4.3.1 Acompanhando um Roteiro.....	53
4.3.2 Análise dos Documentos.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS.....	69

INTRODUÇÃO

Muitas foram as mudanças ocorridas nas concepções do que significa ensinar e aprender História e quais as implicações deste aprendizado. Atualmente o ensino de História pauta-se na promoção de incentivos, para que o aluno encontre sua identidade e constitua-se como cidadão, que pertence a sua comunidade e nela deve exercer os seus direitos e deveres de forma consciente e participativa. A História Local torna-se um dos conteúdos principais para o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental, a fim de permitir que os alunos se posicionem no grupo que estão inseridos, que reconheçam mudanças e permanências na sua comunidade, e posteriormente em outros locais, questionem sua própria realidade, identifiquem problemas e soluções, bem como conheçam a organização local e saibam valorizar os patrimônios sociais, históricos e culturais, valorizando sua diversidade, compreendendo que o usufruto desse patrimônio é um direito de todos os povos.

A partir disto, esta pesquisa visa investigar e compreender o ensino e a aprendizagem dos conteúdos históricos, a partir do Estudo do Meio como ferramenta promotora de novas experiências de aprendizado aos alunos. Além disso, a pesquisa procura entender de que forma essa abordagem se configura nos anos escolares iniciais. Este projeto estabelece questionamentos acerca das características, objetivos e origens do Projeto Raízes, que visa construir com os alunos conhecimentos da História Local, a partir do Estudo do Meio, assim como, entender se o Estudo do Meio é um recurso realmente válido, para que os alunos ampliem a sua compreensão sobre a concepção de História e sobre a história de seus municípios

O interesse por esta temática, surgiu a partir de uma experiência pessoal, ao realizar um estágio no projeto Raízes, foi possível vivenciar a experiência de trabalhar os conteúdos históricos e geográficos do Município de Americana, com os alunos do ensino fundamental e infantil da rede municipal; este trabalho ocorria, a partir de visitas aos principais locais históricos da cidade e a realização de atividades em sala com as respectivas professoras. Com esta vivência, surgiram questionamentos sobre prática do ensino de

História nos anos iniciais da escolarização, bem como suas metodologias e os processos de construção do conhecimento.

Aprender História se faz importante na educação básica, no momento em que este aprendizado se torna um instrumento para a formação individual e coletiva, comprometida com os valores que auxiliem no desenvolvimento de uma cidadania pautada em princípios humanistas e de respeito as diferenças

Desta forma, tem-se como objetivo principal do trabalho compreender as contribuições do Estudo do Meio no ensino de História para os alunos do ensino fundamental, a partir do Projeto Raízes, identificando suas influências no processo de construção do conhecimento e da percepção histórica e social de si mesmos como indivíduos e do meio que estão inseridos, pois a partir disto acredita-se possibilitar a viabilização do desenvolvimento de um olhar crítico sobre aquilo que se convive cotidianamente. Além disso, procurar Identificar as motivações que originaram o Projeto Raízes, avaliando seus objetivos, as suas características, sua estrutura e os resultados obtidos pelo projeto, bem como compreender o Estudo do Meio e suas contribuições no ensino de História para alunos das séries iniciais do ensino fundamental.

Para tanto, optou-se pelo método qualitativo de pesquisa, utilizando como técnicas o levantamento bibliográfico e um estudo de caso com o Projeto Raízes. O levantamento foi feito na biblioteca da UNESP e nos arquivos digitais da USP e UNICAMP, bem como no uso de artigos científicos. No entanto, ao longo das pesquisas pode-se observar a escassez de materiais sobre a utilização dos estudos do meio para o ensino da História. Este método, é muito utilizada pela disciplina de Geografia e nesta área à uma abundância de pesquisas e artigos, porém o mesmo não ocorre com os conteúdos históricos. Aliás, são raros os autores que trabalham temáticas sobre o ensino de História para o ensino fundamental, bem como são poucos os que discorrem sobre os Estudos do Meio. Outra importante observação, se dá pela falta de publicações recentes sobre estas temáticas, fazendo com que esta pesquisa utilize como fontes, publicações somente até o ano de 2014.

A partir disto, o trabalho organizou-se da seguinte maneira: em seu primeiro capítulo apresenta alguns dos principais aspectos da inserção da

disciplina de História no plano de educação brasileira, buscando compreender como isto aconteceu e quais eram os métodos utilizados em períodos variados. Bem como, busca explicar o ensino da História Local e a inserção destes conteúdos nos currículos e no cotidiano escolar.

O segundo capítulo visa definir e conceituar o Estudo do Meio, trazendo sua perspectiva histórica e caracterização. O capítulo seguinte, estabelece relações entre o Estudo do Meio e ensino da História Local, buscando elucidar alguns dos benefícios que estes podem juntos oferecer para o processo de ensino e aprendizagem de História aos alunos do ensino fundamental.

O quinto capítulo, apresenta e caracteriza o Projeto Raízes, discorrendo sobre seus objetivos, documentos e resultados, avaliando as contribuições deste projeto para o aprendizado de História dos alunos da rede municipal de Americana.

Por fim, a pesquisa resulta na compreensão do Estudo do Meio como um válido recurso para o ensino de História, pois este possibilita uma aproximação entre o estudante e o objeto de ensino, especificamente para o conteúdo histórico, permite que os alunos conheçam sua comunidade, aproximem-se das histórias locais, dos patrimônios históricos, culturais e sociais e assim sintam-se pertencentes a este local e preservem não apenas estes patrimônios, mas também memória regional.

1. ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL

1.1 Perspectiva Histórica do Ensino de História.

Segundo Nadai (1993), a História como disciplina escolar, surge na França em meados do século XIX e ela baseava-se nos movimentos de laicização e de construção da sociedade moderna.

No Brasil, esta disciplina começou a ser ministrada no século XIX, no final da década de 1830, com a fundação do colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Ainda de acordo com Nadai (1993), a disciplina de História, seguia os moldes franceses e visava ensinar aos alunos a história da Europa ocidental, pois acreditava-se na necessidade de buscar em terras estrangeiras a experiência que aqui faltava. Desta forma, “a base de ensino centrou-se nas traduções de compêndios franceses e na falta delas, apelava-se diretamente para os próprios manuais franceses” (NADAI, 1993, p. 146). Durante anos, pouco se trabalhou ou se falou sobre conceitos históricos brasileiros, que neste período segundo Cainelli (2012), quando trabalhados retratavam a História do Brasil após a chegada dos portugueses, desconsiderando toda a história e cultura indígena.

Assim, a história inicialmente estudada no país foi a História da Europa Ocidental, apresentada com verdadeira História da Civilização. A História pátria surgia como seu apêndice, sem um corpo autônomo e ocupando papel extremamente secundário. Relegada aos anos finais dos ginásios, com número ínfimo de aulas, sem uma estrutura própria, consistia em um repositório de biografias de homens ilustres, de datas e de batalhas. (NADAI, 1993.p.146)

Apenas no período republicano, quando esta disciplina assumiu a responsabilidade de formar os cidadãos, os conteúdos de História do Brasil, ganharam novos objetivos, visando constituir e formar um sentimento de nacionalidade, a partir da história de seus “heróis” e marcos históricos. (SCHMIDT; CAINELLI, 2006, p.11).

Os programas de História do Brasil seguiam o modelo consagrado pela História Sagrada, substituindo as narrativas morais sobre a vida dos santos por ações históricas realizadas pelos heróis considerados construtores da nação, especialmente governantes e clérigos. A ordem dos acontecimentos era articulada pela sucessão de reis e pelas lutas contra os invasores estrangeiros, de tal forma que a história culminava com os “grandes eventos” da “Independência” e da “Constituição do Estado Nacional”,

responsáveis pela condução do Brasil ao destino de ser uma “grande nação”. (BRASIL, 1997.p. 20)

Pode-se destacar também, que neste período a metodologia de ensino utilizada nas escolas, se manteve baseada na utilização dos escassos materiais impressos e no saber dos professores.

Os métodos de ensino então aplicados nas aulas de História eram baseados na memorização e na repetição oral dos textos escritos. Os materiais didáticos eram escassos, restringindo-se à fala do professor e aos poucos livros didáticos compostos segundo o modelo dos catecismos com perguntas e respostas, facilitando as arguições. Desse modo, ensinar História era transmitir os pontos estabelecidos nos livros, dentro do programa oficial, e considerava-se que aprender História reduzia-se, a saber repetir as lições recebidas. (BRASIL, 1997.p. 20)

A partir disto, após inúmeras discussões acerca de aceitação destas disciplinas nas escolas, muitas foram às mudanças ocorridas nas concepções do que significa ensinar e aprender História e quais as implicações deste aprendizado. Esta passou a desempenhar variados papéis de acordo com o momento político do país. Entretanto, durante muitas décadas, manteve-se com a finalidade de formar o cidadão e mais do que isto, formar o cidadão patriota.

A História Pátria era entendida como o alicerce da “pedagogia do cidadão”, seus conteúdos deveriam enfatizar as tradições de um passado homogêneo, com feitos gloriosos de célebres personagens históricos nas lutas pela defesa do território e da unidade nacional. A moral religiosa foi substituída pelo civismo, sendo que os conteúdos patrióticos não deveriam ficar restritos ao âmbito específico da sala de aula. Desenvolveram-se, nas escolas, práticas e rituais como festas e desfiles cívicos, eventos comemorativos, celebrações de culto aos símbolos da Pátria, que deveriam envolver o conjunto da escola demarcando o ritmo do cotidiano escolar. (BRASIL, 1997.p.21)

Na década de 1930, houve a criação do ministério da Educação e Saúde Pública, bem como a Reforma Francisco Campos, acentuando o fortalecimento do poder central do Estado e do controle sobre o ensino. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1997), indicam que o ensino de História era idêntico em todo o País, dando ênfase ao estudo de História Geral, sendo o Brasil e a América apêndices da civilização ocidental. No entanto, surgiram neste período variadas discussões sobre esta disciplina, no sentido de

reformula-la, principalmente devido às influências das propostas escolanovistas.

Ao longo deste período, ocorreram pouquíssimas mudanças em nível metodológico, apesar das propostas de substituição dos métodos mnemônicos pelos métodos ativos, advindas dos pensadores da Escola Nova, que pensavam em aulas diferenciadas, que proporcionassem aos alunos a realização de trabalhos mais “concretos” e diversificados, propondo atividades como a construção de maquetes, exibição de filmes e comparação de fatos em diferentes épocas. O predomínio “era a memorização e as festividades cívicas que passaram a ser parte fundamental do cotidiano escolar. A prática recorrente das salas de aula continuou sendo a de recitar as “lições de cor”, com datas e nomes dos personagens considerados mais significativos da História”. (BRASIL, 1997, p.22). Entretanto a “instalação, dos primeiros cursos universitários direcionados para a formação do professor secundário, em 1934”, deu início a algumas tímidas mudanças no ensino da História, a partir do momento, que começou a profissionalizar a formação docente. (NADAI, 1993, p. 153).

Os anos posteriores a Segunda Guerra Mundial, foram marcados por diversas lutas, visando garantir a especificidade da História, bem como os avanços dos Estudos Sociais no currículo escolar. Assim, destacam-se dois momentos importantes para estes processos: o primeiro ocorreu em meio ao processo de democratização do País com o fim da ditadura Vargas e o segundo durante o governo militar. (BRASIL, 1997, p.22)

Próximo ao fim da guerra, a História tornou-se objeto de preocupação das políticas educacionais. Esta disciplina, fez-se significativa, ao auxiliar na formação para a cidadania e para a paz, merecendo cuidados especiais tanto na organização curricular quanto na produção dos materiais didáticos, a ponto de sofrer influências da UNESCO, que “passou a interferir na elaboração de livros escolares e nas propostas curriculares, indicando possíveis perigos na ênfase dada às histórias de guerras, no modo de apresentar a história nacional e nas questões raciais, em especial na disseminação de ideias racistas e preconceituosas” (BRASIL 1997,p.23).

Sobre esta nova vertente, destaca-se que a “História deveria revestir-se de um conteúdo mais humanístico e pacifista, voltando-se ao estudo dos processos de desenvolvimento econômico das sociedades, bem como dos avanços tecnológicos, científicos e culturais da humanidade.” (BRASIL 1997.p.23).

Já no início dos anos 50, segundo Nadai (1993) houve uma renovação da disciplina, onde a autora destaca o aprofundamento dos fundamentos científicos e do papel “formador-crítico da disciplina”. Para ela, mudaram, mesmo que de maneira recatada, a visão dos alunos acerca dos conteúdos, pois estes podiam percebê-la como uma “ferramenta para a compreensão social” e isto se atribui também ao recrutamento de docentes advindos das licenciaturas. Porém a autora destaca que “apesar da superação de simples memória ou registro objetivo e imparcial, o conteúdo ainda era direcionado para um discurso explicador, unívoco, generalista, totalizados e eurocentrista.” (NADAI, 1993.p.155).

Neste mesmo período, os Parâmetros Curriculares Nacionais, destacam o estabelecimento de uma nova seriação de História geral e do Brasil para o ensino secundário, por influências de historiadores profissionais formados pelas universidades. (BRASIL, 1997,p.22)

Os anos 50 e 60 foram inspirados por pensamentos de cunho nacional-desenvolvimentista, bem como sofreram influência da presença americana na vida econômica brasileira, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), ressaltam que neste período o ensino de História, passou a abranger também a História da América no currículo, com ênfase na História dos Estados Unidos. Destacam-se os estudos sobre os ciclos econômicos, assim como a educação para o trabalho, voltada para o advento do mundo urbano e industrial. Deve-se ressaltar ainda, o aumento significativo das discussões sobre as propostas dos estudos sociais. (BRASIL, 1997, p.23)

No entanto, para as escolas primárias prevaleciam os conhecimentos históricos baseados nas festividades cívicas, e nas séries finais preparavam-se os alunos com resumos da História colonial, imperial e republicana para atender ao programa dos exames de admissão. (BRASIL, 1997.p.23)

A década de 1970 vem para consolidar a disciplina de Estudos Sociais em substituição a História e Geografia, isto ocorreu a partir da Lei n. 5.692/71,

durante o governo militar. Segundo o PCN (1997), os Estudos Sociais, foram sendo constituídos a partir de junções entre os fundamentos históricos e geográficos, isto caminhando também ao lado de conteúdos da Educação Moral e Cívica. Ainda, segundo este documento, esta substituição gerou um esvaziamento dos conteúdos que antes eram trabalhados nas disciplinas de História e Geografia, ganhando um formato nacionalista que visava “justificar o projeto nacional organizado pelo governo militar implantado no País a partir de 1964. (BRASIL, 1997.p.23).

Estes conteúdos eram centrados nos círculos concêntricos, ou seja, baseavam-se na realidade dos alunos e de suas comunidades, pressupunha-se que os estudos deveriam vincular-se

Aos estágios de desenvolvimento psicológico do aluno, devendo, pois, partir do concreto ao abstrato em etapas sucessivas. Assim iniciava-se o estudo do mais próximo, a comunidade ou o bairro, indo sucessivamente ao mais distante, o município, o estado, o país, o mundo. Os conteúdos ordenados hierarquicamente deveriam respeitar a faixa etária do aluno, por isso a história do mundo não deveria ser ensinada na escola primária, por ser considerada distante e abstrata. (BRASIL, 1997.p.23)

Entretanto, o governo militar, não foi responsável apenas por alterações nos currículos e metodologias de ensino, também com a finalidade de atender novas demandas, foram criados cursos de “Licenciatura Curta o que contribuiu para o avanço das entidades privadas no ensino superior e uma desqualificação profissional do docente”.(BRASIL, 1997.p.23). Ainda segundo o documento, o diálogo entre a pesquisa acadêmica e o saber escolar foi prejudicado, assim como atrasou as necessárias introduções de reformulações do conhecimento histórico e das ciências pedagógicas no âmbito escolar.

Nadai (1993), afirma ainda que neste período, foram realizados estudos acerca da importância dos âmbitos regionais e da história local, bem como suas implicações no nacional e no social, isto se realizou nos programas de pós graduação do país, porém os estudos restringiram-se as academias, não alcançando o público em geral.(NADAI, 1993, p. 157)

Durante toda esta década, pode-se identificar lutas de professores e profissionais das áreas de História e Geografia, afim de extinguir a Licenciatura em Estudos Sociais, bem como a volta de História e Geografia aos currículos escolares (BRASIL, 1997.p.23).

Os anos 80, foram marcados não só pelo processo de redemocratização do país, mas também por reformas educacionais estruturais e curriculares, inclusive no campo da História, com o surgimento de debates e estudos acerca da finalidade, das abordagens, conteúdos curriculares e metodologias do seu ensino.

O grande marco dessas reformulações concentrou-se na perspectiva de recolocar professores e alunos como sujeitos da história e da produção do conhecimento histórico, enfrentando a forma tradicional de ensino trabalhada na maioria das escolas brasileiras, a qual era centrada na figura do professor como transmissor e do aluno como receptor passivo do conhecimento. (SCHMIDT; CAINELLI, 2006.p.12)

Em meio a este contexto, “iniciaram-se as discussões sobre o retorno da História e da Geografia ao currículo escolar a partir das séries iniciais de escolarização”(BRASIL, 1997, p.24). Bem como, ressalta os avanços da História na formação de professores e na expansão editorial desta área de ensino.

As propostas curriculares passaram a ser influenciadas pelo debate entre as diversas tendências historiográficas. Os historiadores voltaram-se para a abordagem de novas problemáticas e temáticas de estudo, sensibilizados por questões ligadas à história social, cultural e do cotidiano, sugerindo possibilidades de rever no ensino fundamental o formalismo da abordagem histórica tradicional. (BRASIL, 1997.p. 24)

A década de 1990, manteve as mudanças e readequações curriculares, e no final desta, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino básico. Segundo Silva e Fonseca (2010), é importante, registrar que eles oficializaram, em âmbito nacional, a separação das disciplinas História e Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. O PCN surge oferecendo uma nova organização para estas disciplinas, reforçando “o caráter formativo da História na constituição da identidade, da cidadania, do (re)conhecimento do outro, do respeito a pluralidade cultural e da defesa do fortalecimento da democracia.” (SILVA;FONSECA, 2010.p. 18).

Destaca-se ainda, a organização em eixos temáticos trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais

Em relação aos conteúdos (o que ensinar), aos saberes históricos selecionados, o documento curricular propõe uma organização em torno de eixos temáticos, desdobrados em

subtemas. Para os quatro anos iniciais do Ensino fundamental, o estudo de dois eixos temáticos: I) História local e do cotidiano, subdividida em dois subtemas: localidade e comunidades indígenas; II) História das organizações populacionais, subdividida em: deslocamentos populacionais, organizações e lutas de grupos sociais e étnicos, e organização histórica e temporal. (SILVA;FONSECA, 2010.p. 18).

Os Parâmetros Curriculares apresentam princípios, conceitos e orientações para o ensino de História e também a inclusão de temas transversais, atividades que possibilitem aos alunos a realização de leituras críticas dos espaços, das culturas e das histórias do seu cotidiano. O PCN através do ensino de História visa promover incentivos, para que o aluno encontre sua identidade e se posicione no grupo que esta inserido, que reconheça mudanças e permanências na sua comunidade e nas próximas, questione sua própria realidade, reconheça problemas e soluções, bem como conheça a organização local e saiba valorizar os patrimônios sociais, históricos e culturais, reconhecendo a diversidade em meio a isto e compreendendo que estes são direitos de todos os povos. (BRASIL, 1997,p.46) .

É importante dizer, que este documento, destaca a disciplina de História nos conteúdos, pois:

Reafirmar sua importância no currículo não se prende somente a uma preocupação com a identidade nacional, mas sobretudo no que a disciplina pode dar como contribuição específica ao desenvolvimento dos alunos como sujeitos conscientes, capazes de entender a História como conhecimento, como experiência e prática de cidadania (BRASIL, 1997. P. 25)

Atualmente, é possível salientar que foram criados outros documentos com a finalidade de estabelecer diretrizes para o ensino fundamental, bem como os conteúdos que podem ser trabalhados nas disciplinas de História, dentre eles os currículos municipais e o recente documento do governo federal, a Base Comum Curricular Nacional (BNCC). A história tem sido apresentada com outras vertentes e estudos como Schmidt; Cainelli (2006), Fonseca (2011), Bittencourt (2012 - 2005), Abud;Silva;Alves (2012) dentre outros, apresentam a sua importância nos currículos e no dia a dia da sala de aula .

É imprescindível destacar também que esta disciplina hoje, após inúmeras reformas, pode ser trabalhada de variadas formas, segundo Schmidt

e Cainelli (2006), a partir das discussões e novas diretrizes de ensino que surgiram depois da década de 1980, novas metodologias foram inseridas e reconhecidas, ao ensinar História, diversos recursos podem ser utilizados, dentre eles documentos históricos, fotografias, filmes, jornais, músicas, visitas a museus, livros didáticos e paradidáticos e também os estudos do meio. Outra característica que pode ser hoje notada na disciplina, é a ênfase nos conteúdos regionais e locais dos alunos, ressaltando não só o aprendizado da História de grandes civilizações, mas também o aprendizado sobre a comunidade que cerca a escola, sobre a vida dos estudantes, além da implementação dos estudos sobre a Cultura Indígena, Cultura Afro-Brasileira e Africana.

1.2 Ensino da História Local e do Município.

Como visto anteriormente, a disciplina de História passou por variadas reformulações, dentre elas, destaca-se as transformações de seu currículo, bem como a inclusão de novos conteúdos e meios para trabalhá-los nas escolas. Um dos conteúdos que pode-se enfatizar, é o estudo da História local.

Neves (1997) caracteriza a História Local como “conhecimento histórico, sob a perspectiva local, e pode significar o local como objeto do conhecimento e/ou local como referência para o conhecimento”(NEVES, 1997, p.15).

Sendo assim, este conceito pode ser entendido como:

Uma modalidade de estudos históricos que contribuiu para a construção dos processos interpretativos sobre as formas como os atores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver, situados em espaços que são socialmente construídos e repensados pelo poder político e econômico na forma estrutural de “bairros e cidades”. (BARROS, 2007. p.15)

Portanto, trata-se da história de uma determinada região, município, cidade ou distrito e por isto, Barros (2007), cita que ela acaba se tornando “ponto de partida para a formação de uma identidade regional.” Servindo também como fonte para a produção do conhecimento sobre o passado.

Bittencourt (2012) aponta que os estudos sobre a História Local, não são recentes. Entretanto, para Schmidt e Cainelli (2006), as décadas de 1980 e 1990, foram as mais importantes para os avanços e reflexões dos historiadores sobre o ensino de História local e isto refletiu nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que incluíram estes conteúdos para o primeiros ciclo do ensino

fundamental, na disciplina de História. Um dos eixos apresentados pelos PCN's, denomina-se "História Local e do Cotidiano", O documento preocupa-se em apresentar o ensino da história das comunidades locais, pois a partir da compreensão destes conceitos, torna-se possível proporcionar aos alunos meios para que construam sua identidade e constituam-se como cidadãos, membros de uma comunidade, possuidores de bens culturais e de direitos.

A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia a-dia. (BRASIL, 1997.p.40)

O estudo com a História local, ainda segundo o PCN (1997), favorece o desenvolver de pesquisas e a aproximação da comunidade com a escola, a partir da realização de trabalhos com pesquisas, entrevistas, relatos, observações de materiais, patrimônios, e objetos da cultura como músicas, brincadeiras, etc, assim como o uso de fotografias e gravuras familiares e de artistas locais.

Nesse sentido, a proposta para os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais, classificando-os como mais "evoluídos" ou "atrasados". (BRASIL, 1997.p.40)

Entretanto, Schmidt e Cainelli (2006) vêm reforçar que, a História local não se apresenta e nem deve ser apresentada de forma desconexa com outras realidades, as histórias sempre se entrelaçam com as comunidades e sociedades vizinhas. Segundo as autoras

Uma realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países, e até mesmo, por processos históricos mais amplos. (SCHMIDT; CAINELLI, 2006.p.112)

Portanto, é importante considerar, que os lugares estão historicamente situados e contextualizados no mundo, não se pode estudar uma localidade sem levar em consideração o seu papel e participação em contextos maiores. É preciso considera-las e estabelecer relações em níveis regionais, nacionais

e até mesmo internacionais e partir disto torna-se possível expandir este aprendizado a conhecimentos históricos de maiores amplitudes.

Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico com proposições que podem ser articuladas com os interesses do aluno, suas aproximações cognitivas, suas experiências culturais e com a possibilidade de desenvolver atividades diretamente vinculadas à vida cotidiana. Como estratégia de aprendizagem, a história local pode garantir uma melhor apropriação do conhecimento histórico baseado em recortes selecionados do conteúdo, os quais serão integrados no conjunto do conhecimento. (SCHMIDT; CAINELLI, 2006.p. 113)

Schmidt e Cainelli (2006), apontam ainda, que o estudo da História Local, pode possibilitar uma aproximação com as micro-histórias, reconhecendo suas particularidades, oferecendo espaço aos sujeitos e as histórias que muitas vezes acabam “silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas”.(SCHMIDT; CAINELLI, 2006, p.114)

Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica. (SCHMIDT; CAINELLI, 2006.p. 114)

Segundo Callai e Zarth (1997), os estudos sobre a História Local podem acontecer a partir de variadas formas, utilizam-se muito de documentos, mas podem ser destacadas também as memórias. Bittencourt (2012), reforça esta ideia, ao citar que a história pode ser escrita ou recuperada através da oralidade das pessoas, bem como pelo chamados “lugares de memória”, que podem ser prédios, monumentos, praças, edifícios e outros, preservados como parte do patrimônio histórico local, todas estas evidências da história localizadas nos municípios tornam-se objetos de estudo.

Ao proporcionar aos estudantes, a oportunidade de estudar um lugar ou seu município, permite-se que estes desenvolvam não só conhecimento, mas também a criticidade em relação a sua própria realidade. “É possível verificar, vivenciar aquela realidade concreta, e os pressupostos que dão conta do que seja a geografia e a história” (CALLAI; ZARTH, 1997.p.11).

2. O ESTUDO DO MEIO

2.1 Perspectiva Histórica.

Para compreender o Estudo do Meio e suas aplicações como práticas de ensino, é preciso também assimilar a sua trajetória histórica, bem como as implicações de sua utilização em diferentes períodos, visto que esta não é uma estratégia de ensino nova no campo educacional.

Esta proposta pedagógica, segundo Lopes e Pontuschka (2009), se inspira em grandes educadores como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet ¹ (1896-1966), que objetivavam aproximar os alunos “da vida”, possibilitando meios para que se estabelecessem contatos reais entre os alunos e os meios sociais e naturais.

No Brasil, os primeiros indícios desta proposta, ocorreram nas chamadas “escolas livres”, fundadas por grupos anarquistas, no século XX, estas, baseavam-se na pedagogia de Ferrer, fundador da Escola Moderna de Barcelona. Segundo Pontuschka (2004), os trabalhadores anarquistas, acreditavam na necessidade de criar escolas que fossem independentes do Estado, e proporcionassem espaços de diálogos, debates e formação de pensamento, bem como oferecerem oportunidades para que adultos e crianças pudessem ser alfabetizados. Defendiam “um ensino racional, atraente, fundamentado na observação e formação do espírito crítico.” (PONTUSCHKA, 2004.p.251)

Ainda segundo, Pontuschka (2004), as escolas anarquistas, visavam imergir os alunos na realidade, proporcionando a pesquisa e as descobertas; inspiradas na “Escola de Barcelona”, incluíram em seu currículo atividades de descrições e excursões.

Os trabalhos realizados fora da sala de aula por tais escolas tinham como objetivo que os alunos, observando, descrevendo o meio dito natural e o social do qual eram parte, pudessem refletir sobre as desigualdades, injustiças e promover mudanças na sociedade no sentido de saná-las(PONTUSCHKA, 2004.p.252)

¹ **Célestin Freinet** nasceu em 15 de outubro de 1896, em Gars, povoado na região da Provença, sul da França. Crítico da escola tradicional e das escolas novas, Freinet foi criador do movimento da escola moderna. Seu objetivo básico era desenvolver uma escola popular.

Francisco Ferrer y Guardia nasceu em Allela, Barcelona, em 10 de janeiro de 1859. buscando métodos educacionais alternativos, fundou a Escola Moderna (1901), um projeto prático de pedagogia libertária.

Tais instituições, disseminaram-se por várias cidades do interior de São Paulo, elas vinculavam-se ao conjunto de movimentos sociais, políticos e culturais de seus fundadores, “sempre no sentido de denúncia das arbitrariedades do Estado e da Igreja contra os trabalhadores adultos e crianças” (Pontuschka, 2004.p.252). Porém o movimento anarquista, a partir da década de 1920, passou a ser fortemente combatido, levando ao fechamento das escolas.

Entretanto, os Estudos do Meio retornaram, de maneira muito mais acentuada, com o movimento da Escola Nova, e, sobretudo, partir da década de 1960, quando os educadores utilizaram meios de aprendizagem mais atrativos e significativos. Cruz e Lopes (2009), apontam que os escolanovistas, buscavam uma abordagem diferente dos anarquistas, pois objetivavam “integrar o aluno ao meio, apoiando-se na teoria piagetiana e não no sentido de conhecer o meio para transformar a sociedade, defendida pelas escolas anarquistas.” (CRUZ;LOPES,2009, p.4)

Neste período, o Estudo do Meio, surgia como um excelente recurso para a aproximação entre as “escolas e a vida”. Lopes e Pontuschka (2009), apontam, ainda, a utilização deste estudo nas Escolas Vocacionais e Colégio de Aplicação, ligado à antiga Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, da Universidade de São Paulo, locais estes onde os currículos especiais permitiam a realização dos Estudos do Meio e assim puderam ser fomentadas as discussões acerca da temática. Porém, para Pontuschka (2004) não somente os estudos do meio, mas também grande parte dos ideias da Escola Nova, não atingiram de maneira efetiva as outras escolas da rede pública.

Além disto, devido aos atos de censura e de repressão política promovidas pelo governo militar, principalmente, a partir, do Ato Institucional n. 5 (AI-5), instituído em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, os Estudos do Meio foram proibidos, retornando apenas a partir da década de 1980 com o processo de redemocratização do país.

Posteriormente, pode-se evidenciar o retorno dos Estudos do Meio as práticas educacionais, sob influencias de nomes como Paulo Freire e Luiza Erundina de Souza, que em meio aos seus esforços na área educacional e trabalhos de gestão, frente a Secretária Municipal de Educação de São Paulo (1989-1990), possibilitaram que esta proposta de ensino, obtivesse destaque

em meio a prática de alguns professores. Assim, “o Estudo do Meio desempenhou a função de elo integrador de práticas interdisciplinares no âmbito da escola básica com resultados muito positivos.(LOPES; PONTUSCHKA, 2009.p.178).

2.2 Caracterização do Estudo do Meio.

Algumas pesquisas, ao longo do tempo, puderam demonstrar a relevância dos estudos do meio na educação, porém o número de trabalhos encontrados sobre a temática, é ainda muito pequeno. Pesquisas como Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007); Pontuschka, (2004); Bittencourt (2005), Lopes; Pontuschka (2009), apontam estes estudos como um método interdisciplinar capaz de desempenhar um papel importante no processo de construção de conceitos e do pensamento crítico sobre os fatos da realidade, bem como um meio de desenvolvimento da profissão docente, ao oferecer aos professores autonomia, nos processos de construções dos currículos e organização das aulas. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.175).

O termo “Estudo do Meio” pode então, ser assim definido.

Um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009,p.174).

Desta forma, trata-se de um método de ensino interdisciplinar que permite que os estudantes realizem aproximações com os espaços e ao desvendá-los compreendam as inúmeras complexidades que ali se colocam, entre elas a dinamicidade e as constantes transformações, “cuja totalidade dificilmente uma disciplina escolar isolada poderá dar conta de compreender.” (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2007, p. 173). Trata-se de uma ferramenta de ensino, disponível ao professor, capaz de proporcionar a exploração de determinados conteúdos com mais profundidade, bem como a construção de novos saberes e conhecimentos em parceria com os alunos e com a própria comunidade, em que a escola se insere, favorecendo também os professores de integração entre os professores, alunos e suas famílias, bem

como possibilitando a conscientização a respeito dos aspectos históricos, sociais, culturais e artísticos do ambiente estudado.

Uma proposta de ensino fundamentada no Estudo do Meio é um método didático recomendado porque favorece a integração entre o aluno e professor; possibilita a reintegração da escola ao meio; desenvolve na criança o espírito de síntese, a capacidade de observar, descobrir, documentar, analisar, criticar e utilizar diferentes meios de expressão. Também, desenvolve a sensibilidade diante dos elementos da natureza e obras humanas, levando o aluno a compreender e reconhecer a importância dos processos e fatos históricos, conscientizando-se da responsabilidade ética de sua participação. (CRUZ; LOPES. 2009.p. 9)

É preciso compreender estas definições para evitar que este termo passe a ser utilizado em qualquer situação de saída dos alunos, pois:

A utilização indiscriminada da expressão “Estudo do Meio” para experiências diversas fora do ambiente escolar, tais como visitas esporádicas a uma indústria ou fazenda, um passeio em um parque da cidade, ainda que possuam valor pedagógico e lúdico, pode constituir-se em empecilho ao aprofundamento do tema e ampliação de seu significado e potencial na elaboração do currículo escolar. O uso sem critério “do rótulo” impede, em diversas situações, o aprofundamento teórico desta prática pedagógica que, reduzida a uma visita, a um passeio, a uma aula de campo, perde, na perspectiva que aqui defendemos, grande parte de seu valor formativo e educativo. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009.p.178).

Desta forma, é importante ressaltar que os estudos do meio, possuem uma metodologia que o caracteriza como tal, a atividade deve respeitar algumas etapas, para que assim ocorra efetivamente a concretização de seus objetivos. Esta ferramenta de ensino pressupõe um planejamento prévio, a ida a campo e a retomada de todas as ações anteriores, com objetivo de ressignificação do conteúdo desenvolvido durante todo o processo e do trabalho com suas possíveis repercussões e resultantes, além da avaliação final de todo o processo. “ O êxito do Estudo do Meio depende de um trabalho de planejamento flexível, mas, certamente rigoroso, que envolve algumas fases e momentos. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.179). A necessidade de seguir a metodologia para a efetiva realização de um estudo, é apontada também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O estudo do meio envolve uma metodologia de pesquisa e de organização de novos saberes, que requer atividades anteriores à visita, levantamento de questões a serem investigadas, seleção de informações, observações em campo, comparações entre os dados levantados e os conhecimentos já

organizados por outros pesquisadores, interpretação, enfim, organização de dados e conclusões.(BRASIL, 1997.p.61)

Lopes e Pontuschka (2009), apontam algumas etapas a serem a seguida para a realização dos estudos, a primeira etapa a ser destacada, é a do planejamento, onde deverão ser estabelecidos objetivos para este estudo; bem como, o prévio trabalho com os assuntos a serem abordados, através de textos, entrevistas, fotografias, vídeos e outras atividades com os alunos. É importante ressaltar, que o professor deve realizar estudos prévios, inclusive visitar os locais que serão trabalhados com antecedência para que o estudo do meio aconteça da melhor forma possível.

A ida a campo, deve acontecer após este processo inicial, este é um momento de extrema importância, e precisa atrelar-se a tudo que já esta sendo trabalhado em sala.

Assim, as práticas de campo em um Estudo do Meio não devem ser caracterizadas como uma ocasião de ruptura do processo ensino-aprendizagem. Ao contrário, fazem parte dele, são momentos especiais, sem dúvida, mas que não se sustentam isoladamente. Não se desconsidera, evidentemente, a dimensão lúdica de uma saída de campo em um Estudo do Meio. O que queremos evitar é a sedimentação de estereótipos da sala de aula, “naturalmente chata” sendo preciso “retirar” os alunos para “passear de vez em quando” noutra lugar. São elas que, de fato, permitem compreender mais profundamente a dimensão social da organização do espaço e, ao mesmo tempo, da influência que essa organização exerce sobre a vida dos homens e mulheres que nele vivem. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.186).

Os autores apontam ainda, a necessidade de que o professor, durante a visita, realize com os alunos observações, questionamentos e registros, a partir de desenhos, fotos, escritas ou outra forma que considerar pertinente, bem como é importante que se permita que estes estudantes, explorem o local e estabeleça com ele diálogos, colocando-se na posição de pequenos pesquisadores.

[...] sem pré-julgamentos ou preconceitos: liberar o olhar, o cheirar, o ouvir, o tatear, o degustar. Enfim, liberar o sentir mecanizado pela vida em sociedade, para a leitura afetiva que se realiza em dois movimentos contrários – negar a alienação, o esquema a rotina, o sistema, o preconceito – e afirmar o afeto da comunidade e da personalidade (PONTUSCHKA, 2006, p. 12 *apud* .LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 187).

Esta ida a campo, não deve ser vista como um rompimento entre a escola e a comunidade, mas sim como uma aproximação e ampliação dos espaço de aprendizagem. Ali se apresenta um lugar ou situação mais

específica ou particular deste mundo para ser pesquisado e estudado , é trazer o mundo – mais real ou concreto, para dentro da sala de aula e da escola.(LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 187).

Entretanto, deve-se ressaltar que a saída não retrata o fim do trabalho, é importante que posterior a isto, seja realizada a retomada e sistematização do conteúdos trabalhado em sala e daquilo foi observado em campo, bem como, a retomada dos registros e a realização de novas atividades e avaliações do que foi ou não proveitoso e do cumprimento dos objetivos estabelecidos para este estudo.

O Estudo do Meio não se encerra com o trabalho de campo. Considerando as características dos sujeitos envolvidos e as possibilidades e os limites materiais oferecidas pela escola, A partir dele se inicia um processo de sistematização, extremamente cuidadoso, de todo o material obtido e registrado nos desenhos, nas fotografias, nos poemas, nas anotações, no falar dos moradores. Os múltiplos saberes, agora enriquecidos pelas várias experiências e saberes conquistados no campo, se encontram na sala de aula.(LOPES; PONTUSCHKA, 2009.188).

Outra forte característica dos Estudos do Meio, é a possibilidade de se tornar interdisciplinar. Através desta metodologia de ensino, variadas disciplinas do currículo escolar podem ser articuladas, dentre elas a História, Geografia e a Arte. Professores generalistas ou específicos podem trabalhar com os “meios” de diferentes formas e com diferentes vertentes, “ultrapassando as fronteiras disciplinares e conjugando interpretações a uma realidade multidimensional” (BATISTA et al 2012.p. 3)

O Estudo do Meio é um método ativo e interativo, pois os espaço não é fragmentado. Ele abre possibilidades para projetos interdisciplinares nos quais professores de diferentes disciplinas participam do plano de elaboração fazendo-se a pergunta: como minha disciplina pode auxiliar o aluno a entender melhor o fenômeno? (PASSINI, 2007. p. 176 *apud* BATISTA et al 2012.p. 3)

Desta forma, o Estudo do Meio pode auxiliar na construção de amplos saberes, realizando articulações entre conteúdos. Superando “as especificidades conceituais das disciplinas curriculares e potencialize a dimensão totalizadora do conhecimento. O estudo do meio busca a abordagem integradora, possibilitando múltiplos olhares ao recorte espacial em análise” (BATISTA et al, 2012.p. 3).

3. O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E O ESTUDO DO MEIO

3.1 A História no Ensino Fundamental

O ensino da História para alunos do ensino fundamental tem sido um desafio a muitos professores. Conforme já discutido, pode-se ressaltar as diversas mudanças, que esta disciplina sofreu ao longo das décadas, foram alterados currículos, conteúdos e existem variadas discussões acerca das metodologias e ferramentas de ensino, utilizadas nas salas de aula.

Bittencourt (2012) aponta que o ensino de História para os anos iniciais do ensino fundamental, não mais se prendem ao ensino dos feitos de grandes heróis nacionais ou datas comemorativas, atualmente surgem preocupações acerca da introdução de noções e conceitos históricos, de maneira geral, organizando-se em eixos e que serão aprofundados pelos professores ao longo dos anos com os alunos.

Para Abud;Ribeiro; História (2012), o ensino da História nos primeiros anos da escola fundamental, objetiva a iniciação dos alunos a compreensão das

Ações praticadas por homens e mulheres ao longo do tempo. Esse conhecimento ajuda a compreender as ações humanas no presente e relacioná-las aos acontecimentos ocorridos em outros tempos, bem como a projetar escolhas e tomar decisões quanto ao presente e ao futuro criando condições para a construção do pensamento histórico. (ABUD;RIBEIRO;HISTÓRIA, 2012.p. 145).

O conhecimento histórico passa a ser desenvolvido a partir do pensamento histórico

O desenvolvimento do pensamento histórico, por meio do ensino da história, constrói a consciência histórica, isto é, a capacidade de compreender que estamos cercados de objetos, construções, práticas, crenças, mitos, hábitos, entre outros, originados em outros tempos, que sofreram mudanças, mas também conservaram algumas continuidades. Assim, pensar historicamente é decifrar esse conjunto de mudanças e permanências no tempo, compreendendo que “o que é nem sempre foi” e que o que existe hoje, pode ser alterado; que a novidade pode não ser “tão nova assim” ou o que parece “natural” nada mais é que uma construção humana. (ABUD;RIBEIRO; HISTÓRIA, 2012.p. 145).

A partir disto, o aluno pode elaborar um conhecimento sobre o mundo em que vivemos, contemplando as principais dimensões temporais que permeiam a vida humana “passado, presente e futuro” . “Essa compreensão se

desenvolverá a partir do trabalho com conceitos que fundamentam o conhecimento histórico: o conceito de tempo histórico, o do sujeito e o de fato histórico.” (ABUD;RIBEIRO; HISTÓRIA, 2012.p. 145).

Segundo Bittencourt (2012), o tempo histórico se apresenta a partir da noção do antes e depois, articulando-se aos conceitos de geração e duração. Assim, Abud;Ribeiro;História (2012) afirmam que, a partir do pensamento histórico, os alunos identificam nos elementos do seu cotidiano a continuidade de elementos do passado que “podem estar contidos nas relações sociais, nas ações políticas, problematizando-as, num diálogo entre as diferentes dimensões temporais” (ABUD;RIBEIRO; HISTÓRIA, 2012.p. 146).

A sistematização do conceito de tempo físico poderá ser introduzida por meio da compreensão do tempo do relógio, da diferença de paisagem de acordo com a hora do dia, do regime das chuvas e das conseqüentes mudanças de paisagem e de temperatura nas diferentes meses do ano, etc. Dessa maneira, se facilitará a aprendizagem de aspectos mais abstratos do conceito de tempo histórico, ao longo do período de escolarização. (Abud;Ribeiro; História, 2012.p. 146).

Outro conceito que fundamenta o conhecimento, é o de Sujeito histórico, que segundo Abud;Ribeiro;História (2012) são as concepções dos indivíduos ou grupos que moveram o processo histórico. O terceiro e último conceito, ainda segundo estes autores, é o fato histórico, onde de forma temporal, surgem as informações sobre “a localização geográfica e sobre os sujeitos responsáveis pela ação.” O conhecimento histórico provém da junção e relação destes conceitos, pois isolados não constituem o conhecimento, é preciso “estabelecer a relação entre a localização temporal, o lugar e o sujeito histórico. A concepção de cada um desses conceitos dá forma e conteúdo ao conhecimento histórico, por que juntos estabelecem o sentido do conhecimento que é produzido” (Abud;Ribeiro; História, 2012.p. 146).

Bittencourt (2012), afirma que o conteúdo de História na atualidade, possui alguns objetivos norteadores, dentre eles destaca-se a contribuição a formação das “identidades”, não apenas da identidade nacional, mas também da identidade local. Outro objetivo do ensino de História, é oferecer uma formação que contribua para a constituição de cidadãos mais críticos e politizados, que compreendam a estrutura política e saibam analisar as conjunturas de maneira crítica. Por fim, a autora elenca que as propostas

curriculares atuais, buscam trazer para esta disciplina, um caráter humanístico, com reflexões e estudos sobre as condições humanas, o respeito às diferenças, permitindo rever as relações entre os homens e a natureza e compreender a superação ou a permanências dos conflitos.

Para Abud, Ribeiro, História (2012), o ensino deve possuir um caráter plural, os conteúdos devem ser abordados a partir de múltiplos aspectos, organizando-se de forma cronológica, temática e por conceitos; sob o ponto de vista da cultura, da política, da economia. A partir disto, aponta-se novas e diferentes possibilidades de organização curricular e inter-relação entre o passado e o presente, A retomada do passado e sua ligação com o presente é um dos aspectos mais importantes do ensino de História, a ser planejado a partir da vivência e do cotidiano (ABUD, RIBEIRO, HISTÓRIA, 2012.p.146.)

Segundo Cainelli (2012), o trabalho a ser realizado com os alunos deve ser significativo, tendo como centro o processo de ensino e aprendizagem, com destaque nas visões plurais e críticas da História e não na simples transmissão de conteúdos, contribuindo assim para a construção do conhecimento do histórico e formação para a cidadania, com consciência dos direitos humanos e respeito a diversidade. Para esta autora, aprender História é discutir evidências levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e espaços históricos. É olhar para o outro em tempos e espaços diversos. (CAINELLI, 2012.p. 179)

Não ensinar história como repetição mecânica e sim como experiências únicas complexas que constituiriam a consciência histórica A História deve ser apreendida como uma experiência cultural que coloca objetivos orientativos a disposição do aluno. (CAINELLI, 2012, p. 179)

Dentre os meios para a aprendizagem Bittencourt destaca o aprendizado a partir da história local, procurando estabelecer vínculos entre a história regional, geral ou mundial, visando o desenvolvimento dos alunos, partindo de problemas cotidianos até progredir para situações do tempo presente. “A proposta fundamenta-se na história do cotidiano e apropria-se de seus métodos com o objetivo de inserir as ações de pessoas comuns na constituição histórica, não exclusivamente as ações de políticos e das elites sociais” (BITTENCOURT, 2012, p.114)

As propostas curriculares e legislações mais recentes, segundo Bittencout (2012), buscam centrar-se nas relações entre o ensino e aprendizagem e apontam algumas diretrizes que podem auxiliar os professores neste trabalho com ensino de História.

Como já foi anteriormente destacado, os Parâmetros Curriculares Nacionais, no eixo que aborda a História no ensino fundamental, apresenta a necessidade de se trabalhar “o saber histórico escolar, na sua relação com o saber histórico, compreende, de modo amplo, a delimitação de três conceitos fundamentais: o de fato histórico, de sujeito histórico e de tempo histórico.” (BRASIL, 1997.p.3)

Dentre os objetivos para o ensino de História trazidos pelo documento, pode-se perceber a valorização da história local e patrimonial.

- reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço;
- questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política institucionais e organizações coletivas da sociedade civil;
- valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo- a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia. (BRASIL, 1997, p. 33)

Ressalta-se ainda que a escolha dos conteúdos que aparecem no PCN, baseiam-se nas “problemáticas locais em que estão inseridas as crianças e as escolas, não perdendo de vista que as questões que dimensionam essas realidades estão envolvidas em problemáticas regionais, nacionais e mundiais.” (BRASIL, 1997.p. 35). Ao pensar estes conteúdos, possibilita-se que os alunos conheçam histórias deste e de outros tempos, relacionando-as aos espaços em que vivem, compreendendo a si mesmos e a sua comunidade. Destaca-se a importância do desenvolvimento de uma observação atenta da localidade, identificando relações sociais em dimensões múltiplas e diferenciadas.

O ensino e a aprendizagem da História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas. (BRASIL, 1997, p. 39)

O documento apresenta ainda, um eixo temático denominado “História local e do cotidiano”, visando enfatizar este aprendizado relativo ao contexto onde os alunos e as escolas estão inseridas. Estes conteúdos, permitem os estudos sobre variados modos de vida, costumes e relações sociais, em diferentes tempos, sem discrimina-los, mas sim conhecê-los.

Considerando o eixo temático “História local e do cotidiano”, a proposta é a de que, no primeiro ciclo, os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola. Com os dados do presente, a proposta é que desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais. Conhecendo as características dos grupos sociais de seu convívio diário, a proposta é de que ampliem estudos sobre o viver de outros grupos da sua localidade no presente, identificando as semelhanças e as diferenças existentes entre os grupos sociais e seus costumes; e desenvolvam estudos sobre o passado da localidade, identificando as mudanças e as permanências nos hábitos, nas relações de trabalho, na organização urbana ou rural em que convivem, etc. (BRASIL, 1997.p.41)

Para isto, como já assinalado no capítulo anterior, o PCN (1997), indica que podem ser utilizados diferentes formas de pesquisa e ferramentas para o ensino e aprendizagem, dentre eles depoimentos, relatos de pessoas da escola, da família e de outros grupos de convívio, fotografias e gravuras, observações e análises de comportamentos sociais e de obras humanas: habitações, utensílios caseiros, ferramentas de trabalho, vestimentas, produção de alimentos, brincadeiras, músicas, jogos, entre outros. É importante ressaltar que o documento, enfatiza também que uma comunidade não se constitui por si só, portanto é preciso que os alunos compreendam que as transformações sociais ocorridas em seu entorno, são resultados de processos muito mais amplos.

Porém, o PCN não é único documento que apresenta diretrizes para o trabalho com os conteúdos históricos no ensino fundamental. A recém lançada Base Comum Curricular Nacional (BNCC), no eixo voltado para o ensino de história, apresenta também que esta deve articular-se ao tempo presente, pois compreende que a história “é a correlação de forças, de enfrentamentos e da batalha para a produção de sentidos e significados, que são constantemente

reinterpretados por diferentes grupos sociais e suas demandas – o que, conseqüentemente, suscita outras questões e discussões.” (BRASIL, 2018, p. 396).

A BNCC vem ainda reforçar que o fazer história tem seu início na constituição do sujeito, e posteriormente no aprendizado sobre o outro, apenas após estas etapas, ele pode ampliar-se para o conhecimento sobre outros povos, compreendendo o mundo, seus movimentos e transformações.

Em meio a inúmeras combinações dessas variáveis – do Eu, do Outro e do Nós –, inseridas em tempos e espaços específicos, indivíduos produzem saberes que os tornam mais aptos para enfrentar situações marcadas pelo conflito ou pela conciliação. (BRASIL, 2018. p. 396).

Para tanto, segundo o documento, o ensino de História no ensino fundamental, visa desenvolver a “capacidade de administrar a sua vontade de maneira autônoma, como parte de uma família, uma comunidade e um corpo social, identificando o seu lugar na família, na escola e no espaço em que vivem. (BRASIL, 2018, p. 401).

Ainda em meio as diretrizes para este trabalho com o ensino fundamental, a BNCC, indica que no 3º e no 4º ano, deve-se atentar para a aprendizagem das “a noção de lugar em que se vive e as dinâmicas em torno da cidade, com ênfase nas diferenciações entre a vida privada e a vida pública, a urbana e a rural”. (BRASIL, 2018.p. 402).

Outro documento que pode aqui ser citado, são as orientações Curriculares do Estado de São Paulo, que em sua publicação do ano de 2012 para o ensino de História do ensino fundamental, traz como “objetivo principal iniciar os alunos no desenvolvimento das habilidades necessárias à compreensão das ações praticadas por homens e mulheres ao longo do tempo.” (SÃO PAULO, 2012, p.146). Tais conhecimentos, possibilitam que os alunos verifiquem as ações ocorridas em diferentes tempos, bem como as ações humanas nos lugares, para que assim consigam tomar decisões quanto ao seu presente e seu futuro e construam o seu pensamento histórico.

Segundo o documento, pensar historicamente significa

Elaborar um conhecimento sobre o mundo em que vivemos que contemplem as três dimensões temporais sobre as quais se concretizam a vivência humana – passado, presente e

futuro. Essa compreensão se desenvolverá a partir do trabalho com conceitos que fundamentam o conhecimento histórico: o conceito de tempo histórico, o do sujeito e o de fato histórico. (SÃO PAULO, 2012.p. 146)

Este ensino de História, permite a compreensão de que todos estamos cercados de objetos, construções, práticas, crenças, mitos, hábitos, entre outros, originados em outros tempos, que sofreram mudanças, mas também conservaram algumas continuidades. (SÃO PAULO, 2012, p. 146)

Para tanto, apresenta-se ainda que o trabalho pedagógico

Deve possibilitar a leitura histórica do cotidiano do aluno, mediante a utilização de categorias temporais (anterioridade e posterioridade, simultaneidade e contemporaneidade, passado, presente e futuro, permanência e mudança, semelhança e diferença), presentes nas narrativas orais e escritas trabalhadas por meio de fontes diversas (documentos históricos, manuais didáticos, etc.) e também das construídas na sala de aula. (SÃO PAULO, 2012.p. 147)

Dessa forma, as orientações enfatizam o aprendizado a partir da própria história do alunos e suas famílias, ampliando-se para o aprendizado dos aspectos históricos locais, visando o trabalho com o município, sua constituição ao longo dos anos e seu patrimônio. Para isto, são apresentadas propostas de atividades diferenciadas como rodas de conversa, apresentação e análise de fotografias e documentos, bem como visitas as construções históricas e patrimônios históricos culturais da região, em especial do município.

A partir destas contribuições, pode-se notar o incentivo oferecido para que se trabalhe com a história do local e do indivíduo, valorizando os diversos meios para que este trabalho seja realizado, podendo se ressaltar nesta perspectiva, o estudo do meio, como uma ferramenta capaz de contribuir para o ensino de História no ensino fundamental, de maneira que ela valorize os aspectos do desenvolvimento do pensamento histórico e da sua constituição enquanto sujeito pertencente a um local, possuidor de um passado que deve ser conhecido e valorizado.

Neste sentido, Schmidt e Cainelli (2006) e também Bittencourt (2012), evidenciam que existem variadas ferramentas e meios para que se realize o trabalho com as crianças. Os professores, além dos livros didáticos, podem dispor de livros literários, obras de arte, músicas, entrevistas, questionários, visitas de familiares e personalidades locais a escola, uso de documentos,

filmes e vídeos variados, jornais, imagens, objetos e visitas a museus, bem como o Estudo do Meio, estas ferramentas articuladas, podem tornar o aprendizado mais significativo e permitir as crianças a vivências de situações reais.

3.2 Contribuições do Estudo do Meio para o Ensino da História Local

A literatura apresentada, traz elementos sobre a construção do conhecimento histórico pelas crianças, a partir de sua realidade, pois segundo Bittencourt (2012), para o aprendizado de história, é importante que se estabeleça relações entre o que o aluno já sabe com o que é proposto em aula, realizando assim, interferências de caráter pedagógico para que sejam evitadas “formas arbitrárias de ensino e apresentações de conceitos sem significados, os quais acabam sendo mecanicamente repetidos pelos alunos” (Bittencourt, 2012.p.189)

A eficiência do ensino está comprometida com o nível de desenvolvimento do aluno, sem esquecer o desenvolvimento operatório piagetiano, mas encontra-se relacionada às estruturas de conhecimento adquiridas por uma série de experiências e formas de convívio que incluem motivações e emoções. (BITTENCOURT, 2012.p.189)

A autora enfatiza ainda a necessidade de partir do conhecimento do vivido pelo alunos, independente da faixa etária, “para que se possam situar as problemáticas enfrentadas na vida em sociedade, no mundo do trabalho e nas relações de convívio e se efetivem as aprendizagens provenientes do conhecimento acumulado e sistematizado por método científicos.” (Bittencourt, 2012.p.190).

Para Schmidt e Cainelli (2006), uma das formas de trabalhar os saberes históricos na escola, é a partir da história local, pois esta apresenta-se como uma estratégia pedagógica que permite uma melhor apropriação do conhecimento

Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico com proposições que podem ser articuladas com os interesses dos alunos, suas aproximações conginitivas, suas experiências culturais e com a possibilidade de desenvolver atividades diretamente vinculadas a vida cotidiana. (SCHMIDT; CAINELLI, 2006, p.113)

Portanto, trabalhar a história local é considerado como algo benéfico para o aprendizado dos alunos ao permitir, segundo Noronha (2007), que estes possuam referenciais para compreender a dinâmica social a qual pertencem, notando-se como integrantes da história e não apenas alguém que a observa, mas que constrói fatos e acontecimentos, caracterizados por continuidades próprias do conhecimento histórico.

Esta autora, vem ainda evidenciar que ao conhecer a história local, os alunos podem atribuir significados aos patrimônios pertencentes ao seu município, bem como sua realidade, os sujeitos que o constituem e principalmente saibam conservá-los e respeitá-los.

Com a abordagem da História local os alunos passam gradativamente a observar e perceber o significado de obras materiais construídas no passado; a compreender que as realidades históricas de determinada localidade e de seus habitantes no tempo não se dão isolada do mundo, mas como parte processo histórico em que populações locais constroem suas identidades culturais e sociais; que estas identidades são diversas, mas todas merecem respeito. (NORONHA, 2007.p.5)

O ensino de História local, ganha significado no ensino fundamental, por possibilitar segundo Assis;Bellé;Bosco (2013.), a formação de um raciocínio histórico que contemple o indivíduo e as relações sociais que ali se estabelecem em meio a sua realidade. Cabe, ao professor auxiliar os alunos no estabelecimento de relações entre acontecimentos do passado com o seu cotidiano, para que este desenvolva-se de maneira que valorize o olhar criterioso do ambiente, pois "A valorização da história local é o ponto de partida para esse processo de formação do cidadão" (ASSIS;BELLÉ;BOSCO 2013.p.4),

Estes estudos, são fundamentais também para que ocorra a compreensão da relação entre os aspectos regionais e globais, pois Assis;Bellé;Bosco (2013.), afirmam que abordando a História local, os alunos passam a compreender que a realidade histórica de sua localidade não está isolada no mundo e a partir disto conseguem notar empiricamente as influências que a região tem sobre o mundo e vice e versa, contribuindo para uma mudança de atitude com relação à própria vida. "É pensar sobre ela e entendê-la, não isolando-a, mas compreendê-la como a reprodução da

sociedade, do espaço, do mundo em que vivemos, num determinado espaço e tempo – o nosso município” (CALLAI; ZARTH, 1997.p.25)

Os autores realizam ainda, alguns apontamentos, onde apresentam a importância da pesquisa neste processo de aprendizagem, para que os estudantes assumam um papel ativo e não tomem como verdade absoluta tudo o que escutam, neste sentido

O professor em seu papel mediador, ou orientador, deve possibilitar que o aluno construa, através da pesquisa direcionada, novos conhecimentos. O processo de pesquisar faz com que o aluno armazene esse conhecimento, não é como na memorização que pode ser esquecida conforme o tempo passa. (ASSIS, BELLÉ, BOSCO, 2013.p.2)

Para que os estudantes coloquem-se no papel de pesquisadores, pode-se fazer uso de documentos, literatura e letras de música, de escritores e compositores locais, o artesanato, a arte e publicações de jornais ou revistas e também o estudo do meio, e, tudo isto realiza-se com participação efetiva do professor

O aluno precisa de estímulos e cabe ao professor desenvolver esse interesse em aprender história. Não basta falarmos em datas e personagens e sim explicitar o contexto do fato, como era a sociedade nesta época, como pensavam e o como isso interfere ou não na realidade vivenciada atualmente por eles. Mostrar que fazem parte dessa história e que podem e devem se posicionar ativamente nas transformações da sociedade. É preciso que os professores tenham bem claro o papel da história no currículo escolar, para que ocorra uma renovação na prática educativa”. (Assis, Bellé, Bosco, 2013.p.2)

Neste sentido, é possível compreender, que este aprendizado pode ser facilitado a partir do uso da ferramenta do estudo do meio, pois este proporciona um contato direto entre o estudante e o objeto do conhecimento, bem como propicia vivências a eles, neste tipo de estudo é possível experimentar, conhecer, olhar, sentir o cheiro, as texturas e observar de maneira empírica e efetiva os aspectos históricos locais e isto torna o processo ensino-aprendizagem mais significativo, bem como torna esta ferreamente capaz de “proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social.” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.174)

Os estudos do meio permitem que os estudantes percebam as paisagens históricas, como cenários compostos por fragmentos, suscitadores de lembranças e problemáticas, capazes de sensibiliza-los a participação dos antigos e modernos atores da História, acrescentando-lhes vivências e concretudes para a sua imaginação.

Desta forma, segundo Pontuschka, Paganelli, Cacete (2007) este estudo pode representar a descoberta, e a produção dos conhecimentos além daqueles existentes nos livros didáticos e também o desenvolver dos sentimentos de pertencimento, da cidadania, da criticidade dos alunos o, por conseguinte, da necessidade de cuidar e conservar os locais.

Os estudantes do ensino fundamental estão iniciando a sua própria leitura de mundo, portanto segundo os PCN's é de extrema importância que eles conheçam “a diversidade de ambientes, habitações, modos de vida, estilos de arte ou as formas de organização de trabalho, para compreender de modo mais crítico a sua própria época e o espaço em seu entorno.” (BRASIL, 1997.p.62)

Quando permite-se a vivência de seu tempo e de outros, os alunos tem a possibilidade de ampliar seus horizontes

Tomando consciência de que se insere em uma época específica que não é a única possível. Em um estudo do meio, o ensino de História alcança a vida, e o aluno transporta o conhecimento adquirido para fora da situação escolar, construindo propostas e soluções para problemas de diferentes naturezas com os quais defronta na realidade.” (BRASIL, 1997.p.62)

O documento dos PCN's, realiza também alguns apontamentos, para que os estudos do meio não terminem nas visitas, pois o trabalho que se realiza após estas, é também de grande importância e atribuem diversos significados aos alunos

Realizada a atividade, é fundamental que o professor encontre propostas para que os alunos organizem as informações que obtiveram, sistematizando interpretações, teorias, dados, materiais e propostas para problemas detectados, atribuindo a esse trabalho uma função social, isto é, conhecimentos que possam ser socializados e compartilhados com outras pessoas (livro, jornal, exposição, mostra). Assim, além de identificarem significações pessoais para as atividades, os alunos podem enxergar a si mesmos como sujeitos participativos e comprometidos com a História e com as realidades presente e futura. (BRASIL, 1997.p.64)

O ensino da história segundo Bittencourt (2012), mostra-se como formador da identidade do individuo nos âmbitos pessoais e social. Esta

identidade social, é geralmente associada aos conceitos de cidadania. Quando se fala na formação de estudantes comprometidos com sua realidade, fala-se da sua formação enquanto cidadão, e mais, do cidadão crítico que conhece a sua história, sua realidade e se reconhece como parte dela e partir disto torna-se capaz de refletir sobre a mesma e de transformá-la, iniciando pelo seu município e, posteriormente, por seu estado e por seu país.

O cidadão, embora pertencendo à Nação, tem no município suas raízes. É nela que ele nasce, cria seus filhos, trabalha; a relação fundamental da vida do cidadão ocorre, portanto, no município. Então começemos por ensinar nossos alunos a acompanhar os administradores municipais, em sua atuação política; começemos por ensiná-los a conviver com a realidade concreta dos municípios, pelo conhecimento da vida política, administrativa, cultural e social de onde ele vive. Será através desse conhecimento que o cidadão poderá dimensionar sua real parcela de influência na transformação da realidade vivida. Tal envolvimento o levará à compreensão de sua importância e papel na transformação dos rumos da nação. (RODRIGUES, 1992 *apud* ASSIS;BELLÉ;BOSCO 2013.p.7),

Callai e Zarth (1997), apontam que todas as pessoas constituem os espaços e são agentes ativos no seu processo de construção histórica e é por isso que precisa se conhecer estes espaços, para que todos consigam agir como cidadãos conscientes de seus direitos. Os autores destacam ainda que formar um cidadão significa

Dar condições ao de reconhecer-se como sujeito que tem uma história, que tem um conhecimento prévio do mundo e que é capaz de construir o seu conhecimento. Significa compreender a sociedade em que vive, a sua história e o espaço por ela produzido como resultados da vida dos homens. Isto tem que ser feito de modo que o aluno se sinta parte integrante daquilo que ele está estudando. Que o que ele está estudando é a sua realidade vivida cotidianamente, e não coisas distantes e abstratas. (CALLAI, 1995.p.31)

Faz-se necessário também, destacar a importância de proporcionar aos alunos, a construção deste sentimento de integração e pertencimento ao local. Moriconi (2014), aponta que o espaço físico em que se vive, tem papel de elo comum, capaz de identificar o grupo de pessoas daquele território, proporcionando que os indivíduos se sintam plenamente integrantes e pertencentes de um grupo. E para Callai (2004), o desenvolver da identidade dos indivíduos e o sentimento de pertencimento tem estreita ligação com o lugar em que se vive. Ao reconhecer estes conceitos, permite-se que o sujeito

reconheça a si mesmo, como alguém que constrói sua vida, sua história, seu espaço e assim, torna-se parte importante para o desenvolvimento do território.

Moriconi (2014) destaca também que se sentir pertencente é sentir-se parte de determinado local ou comunidade e assim identificar-se com ela. A partir deste sentimento, é possível que as pessoas valorizem e cuidem mais do ambiente onde estão inseridos. Bem como, estimula o resgate de outros sentimentos como amor, cuidado, respeito e ética.

Dessa forma percebe-se que dentro do contexto escolar uma das formas possíveis de se desenvolver o sentimento de pertencimento é a realização de estudos do meio, favorecendo com que as crianças conheçam um pouco mais sobre o ambiente em que vivem, percebam seus problemas e dificuldades, identificando-se como seres ativos e passíveis de mudanças, para que assim lutem para torná-lo melhor em busca de sociedades mais igualitárias. Lestinge (2004), enfatiza a importância do estudo meio, como recurso que desperta estes sentimentos no ambiente escolar, pois, a partir deste espaço de vivência, permite-se o “aprofundar de conhecimentos e a revisão de atitudes, conceitos, valores éticos e estéticos” (LESTINGE, 2004, p. 5).

Ao se identificar com o local, e com os locais visitados permite-se que o estudante compreenda sua comunidade e assim passe a cuidar dela, buscando encontrando entendimento sobre si mesmo e o ambiente em que vive, identificando não só as problemáticas, mas também, as transformações e as participações de seus familiares nesse processo.

O pertencimento cria uma identidade no indivíduo que fará com que ele, inserido dentro de uma comunidade e um contexto específico, se empenhe para que coletivamente lute por uma sociedade mais justa. Isso levará as pessoas a refletirem mais sobre a vida e o ambiente, criando um pensamento mais crítico e reflexivo dentro de uma perspectiva emancipatória. (MORICONI, 2014, p. 21)

Nesta perspectiva, o estudo do meio é um instrumento de aproximação entre o aluno e o município, possibilitando que este, segundo Lestinge (2014), entenda-se como cidadão pertencente a história deste local, bem como permite que este se reconheça e se identifique como parte desta comunidade e posteriormente busque pela conservação e melhorias na mesma. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasil (1997), também apontam o estudo

do meio como capaz de desenvolver estes sentimento acima citados, ao realizar esta aproximação e permitir que os alunos conheçam os locais, pois , afinal é preciso conhecer para preservar e preservar para conhecer.bem como identifica, a importância de se estabelecer relações e identificações com o grupo social ao qual se esta inserido.

Os autores, Assis, Bellé e Bosco (2013),indicam que as escolas que não trabalham a história local e não incentivam seus alunos a conhecer estas histórias e os patrimônios municipais, acabam por permitir que estes estudantes pensem que não possuem uma história digna ou com valor a ponto de ser “ensinada nas escolas”, como se as “suas” histórias não merecessem estar registradas.

Schmidt e Cainelli (2006) apontam ainda que na atualidade um dos objetivos da História atrelada ao estudo do meio, é contribuir para que os alunos não apenas conheçam, mas também consigam valorizar o patrimônio histórico cultural nos âmbitos regional, nacional e até mundial, pois quando aprende-se a valorizar o que esta próximo, torna-se mais fácil entender e enxergar com valor o que está longe. O acesso aos bens materiais e imateriais que representam seu passado e sua história, é direito de todo cidadão.

Estas autoras apontam também, que a UNESCO, em 1972, instituiu a existência da designação “Patrimônio Mundial, Cultural e Natural para se referir do conjunto de monumentos, agrupamentos arquitetônicos, sítios naturais e bens culturais móveis que possuíssem valor local, nacional e universal”. (SCHMIDT; CAINELLI 2006.p. 114). Nestas definições enquadram-se obras de arquitetônicas, que podem localizar-se nas zonas rurais ou urbanas e se destaquem por sua integração na paisagem, bem como, esculturas, pinturas monumentais e itens de interesse arqueológicos, artísticos, científicos, técnicos ou sociais.

Segundo Abud, Silva e Alves (2011), através dos estudos do meio, os alunos e professores podem entrar em contato direto com este patrimônio, que pode remetê-los a “um espaço, tempo específico e suas formas de sociabilidade, além dos significados atribuídos a eles pelas pessoas no presente, o que alimenta a construção da memória e do imaginário.” (ABUD;SILVA;ALVES, 2011.p.81)

Desta forma, entende-se que a partir do estudo, os alunos podem conhecer os patrimônios, compreender os elementos que o compõe e sua importância, e assim, passar a olhar para estes de forma que enxerguem sua importância na história dos locais e assim os valorizem.

A partir de tudo acima elencado, entende-se o estudo do meio como ferramenta de ensino para a História local possibilitando a aproximação do aluno com sua própria comunidade, proporcionando a construção de sua história e identidade, despertando atitudes investigativas com base em seu próprio cotidiano, ajudando-o ainda a refletir sobre a realidade que o cerca e seus diferentes níveis, econômico, político, social e cultural; identificando as mudanças, conflitos e permanências e oferecendo voz a todos os sujeitos que compõe a pluralidade da história.

Neste cenário, o professor desempenha importante função na construção do saber histórico, uma vez que “a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.” (Assis, Bellé, Bosco, 2013.p.7) Desta forma, estes autores apontam ainda, que o professor que deve sempre buscar enriquecer sua base teórica afim de orientar um processo de ensino-aprendizagem significativo, pois o papel desempenhado pelo professor nesse processo é fundamental, uma vez que ele tem a função de gerir as ações de ensino e aprendizagem, organizando os conteúdos, realizando mediações e intervenções, bem como envolvendo os alunos de modo a dar significado no processo. Pela sua especificidade os acontecimentos e elementos que envolvem o local adquire significado na vida e ação dos estudantes.

Lopes e Pontuschka (2009) indicam que o professor não apenas beneficia, mas é também beneficiado com os estudos do meio, pois estes podem “contribuir, significativamente, para com o desenvolvimento da profissionalidade docente, pois reconhece a possibilidade de autonomia das unidades escolares, insere-os em uma dinâmica de valorização intelectual de seu trabalho”. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009.p.189).

4. PROJETO RAÍZES

4.1 Caracterizando o Projeto Raízes.

O “Projeto Raízes”, teve início no ano de 1996 no município de Americana – SP, sua autoria foi atribuída ao então secretário de cultura do município, Melquisedec Ferreira. No início, o projeto objetivava apresentar a história municipal para a população, convidando-a a participar dos espaços histórico culturais no município. Para isto eram realizadas visitas a estes locais com as escolas da rede de ensino municipal, estas recebiam ao final alguns materiais para que se pudesse continuar os estudos em sala.

Deve-se ressaltar que este roteiro interdisciplinar, passou por diversas direções, com diferentes responsáveis, de acordo com a gestão da prefeitura e daqueles que assumiam a secretária de cultura, contou com algumas reformulações na maneira de apresentar a história e nos materiais utilizados. Porém sempre manteve como foco a proposta inicial de promover uma aproximação entre as pessoas e a história municipal através de seus grandes marcos. O projeto, teve suas atividades encerradas em 2014 e estas só foram retomadas em 2016, com uma nova coordenação, o roteiro foi repensado visando atender de maneira mais lúdica e reformulando seu conteúdo, itinerário e até mesmo alguns locais visitados, pois passou a enxergar os roteiros e atividades de maneira mais didática e pedagógica.

Atualmente, ocorre por meio de uma parceria entre as Secretarias de Cultura e Turismo e Educação do município, tem como coordenadora a professora municipal Luciana Poline Nunes e conta com quatro monitores, estudantes de diferentes áreas. O público alvo do roteiro são os alunos dos quartos anos da rede de ensino municipal, mas outros ciclos de ensino e escolas particulares também são atendidos.

Este projeto tem como objetivo complementar o conhecimento dos alunos sobre seu município a partir dos locais visitados, possibilitando o despertar do sentimento de pertencimento a história do município e de premissas como a conservação do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico,

ambiental, com o intuito de estimular na população a curiosidade pela história local. (AMERICANA, 2016, p.1)

Após uma reformulação, realizada no ano de 2011 o município de Americana incluiu no currículo municipal da educação o “Projeto Raízes”, em meio aos conteúdos correspondentes ao ensino de história. O município compreende que

No nível da educação básica, a história deve ser um instrumento que contribua para a formação de uma consciência individual e coletiva comprometidas com valores que auxiliem no desenvolvimento de uma cidadania pautada em princípios humanistas e de respeito as diferenças. (AMERICANA, 2011, p.61)

O Currículo Municipal (2011) traz como parte de seus objetivos a criação de possibilidades para que cada criança compreenda a si mesma e o local onde vive, para tanto um dos eixos pertencentes ao conteúdo de história, denomina-se “eixo social”, onde propõe-se que o professor trabalhe em sala de aula a construção das identidades sociais, o cotidiano local no presente e no passado, as relações e organizações sociais, entre outros conteúdos.

O estudo sobre a história local especificamente, aparece em meio aos conteúdos mínimos do quarto ano do ensino fundamental da rede municipal, explicando assim a escolha do público alvo do projeto.

O “Projeto Raízes” promove uma das etapas de um estudo do meio, realizando roteiros pelo município com as escolas participantes. Anterior ao roteiro, é disponibilizado um material didático, com informações históricas, geográficas e curiosidades. Os alunos são acompanhados pela professora responsável pela classe em cada escola e pelos monitores. Estes roteiros, acontecem em dois dias, com cerca de três horas cada, nele os estudantes visitam os principais pontos históricos locais, onde acontecem explicações sobre as características do local e sua importância na constituição do município. Estas explicações ocorrem não apenas pela fala, mas também por meio de vídeos, dinâmicas, dramatizações e brincadeiras. Além do que se trabalha nos locais, os monitores, buscam durante todo o trajeto dialogar com os alunos, para que observem a formação da cidade e seus aspectos de cunho geográfico e ambiental, em um dos pontos é possível perceber a nascente de

um rio, por meio da junção de outros dois, um local onde esta ocorrendo um processo de erosão e a divisa entre as áreas rurais e urbanas do município. Após as visitas, as professoras recebem uma pasta com propostas de atividades para que possam continuar trabalhando os conteúdos apresentados no estudo, dentre as atividades pode-se encontrar caça-palavras, propostas de redação, desenhos, e outros.

Dessa forma, é possível dizer que este, agrega abordagens interdisciplinares, envolvendo conhecimentos históricos, geográficos, artísticos e culturais locais, propiciando um ambiente que visa estabelecer uma melhor relação entre o passado e o presente, e a partir disso tem-se como foco promover a assimilação dos fatos históricos, de modo que sejam evidenciadas as diferentes formas de marcação do tempo, ou seja, anterioridade, posterioridade e simultaneidade.

O Projeto Raízes desde o ano de 2016 atendeu cerca de dois mil alunos da rede municipal e privada de Americana e busca com o passar dos anos ampliar estes números para contemplar ainda mais alunos. (Americana, 2017, p.11).

4.2 Metodologia

Para este trabalho, adotou-se o método qualitativo de pesquisa (Bogdan, Biklen, 1994), utilizando como técnicas o levantamento bibliográfico, por meios das bibliotecas e artigos científicos acerca das temáticas – Estudo do meio; Ensino de História; História local, Ensino de história para alunos do fundamental, bem como uma análise documental (Souza, Kantorski, Villar Luis, 2011), e, por fim, foi realizado um estudo de caso com o projeto raízes de Americana (ANDRÉ, 1984). O estudo de caso tem por objetivo “a investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações.” (VENTURA, 2007.p. 384)

Neste estudo, foram analisados alguns documentos encontrados sobre o projeto, com seus objetivos, itinerários e resultados, assim como foram analisadas as atividades entregues para as escolas nesta nova fase do projeto

e algumas de fases anteriores, além dos textos entregues para estudos antes das visitas. Com a finalidade de complementar o estudo de caso, realizou-se também a observação de um dia de roteiro, em companhia dos monitores.

4.2.1 Acompanhando um Roteiro.

Foi realizada uma observação de um roteiro, no dia 24 de agosto de 2018, que em caráter excepcional, foi realizado em um único dia, a pedido da escola. Acompanhei os monitores durante o dia, com o objetivo de visualizar as contribuições do estudo do meio no ensino de história para os alunos do ensino fundamental e a partir do Projeto Raízes, identificar suas influências no processo de construção do conhecimento e da percepção histórica local. A sala presente no dia, era composta por 25 alunos do quarto ano do ensino fundamental de uma escola particular. Durante o dia não realizei nenhuma intervenção ou diálogo com os alunos, foram feitas apenas observações.

O roteiro com o Projeto Raízes teve saída no portão da escola, onde os alunos foram apresentados aos monitores e eles fizeram alguns combinados, como por exemplo pedidos de silêncio durante as explicações, bem como avisos do que pode ou não ser feito nos locais.

Após os combinados, ainda no ônibus os alunos foram convidados a observar o primeiro ponto do roteiro, as chamadas Casas da Conserva – local onde moravam os responsáveis pela conservação da linha férrea e Estação Ferroviária municipal. Neste local, as observações ocorrem de dentro do ônibus, pois as casas possuem residentes. Nestes pontos, foram explicadas: a razão do local de escolha da casa, o nome da rua (“conserva”) e também foram mostradas as diferenças arquitetônicas entre essas casas e as atuais (os alunos observaram o tamanho das portas e janelas, a inexistência de muros, os portões bem baixinhos, o jardim em frente a janela, etc).

Em meio ao trajeto que se dirigia ao segundo local, os alunos puderam observar o Mercado Municipal (escutando um pouco sobre a sua criação e função no momento de fundação). Após este momento, foram explorados alguns aspectos geográficos, os monitores utilizaram o trajeto feito pelo ônibus para mostrar alguns pontos da cidade, o ribeirão quilombo e o processo de erosão que esta sofrendo, a antiga feira de tecidos (FIDAM), a rodoviária e a

estação de tratamento de água, etc. Mostraram também, um dos principais cemitérios do município, onde estão enterrados duas personagens muito importantes da história da cidade, o Comendador Franz Muller e sua esposa, responsáveis pela fundação e desenvolvimento da primeira fábrica de tecidos, que posteriormente, junto a outras fábricas, deu ao município o título de “princesa tecelã”.

O segundo ponto do roteiro é o Portal do Município, o portal é repleto de simbologias e desenhos que explicam a história local, portanto o ônibus realiza uma parada para que os alunos possam observá-los, muitas crianças impressionaram-se por nunca ter reparado nestes símbolos e mostram-se curiosas em questioná-los.

Continuando o roteiro, os alunos conheceram a história da Rodovia Anhanguera foram explicadas a origem do nome “Anhanguera” e o modo de construção da rodovia utilizado no período, bem como a explicação dos locais que podem ser alcançados através dela. Ainda durante o caminho, foi mostrado o bairro industrial do município, bem como algumas explicações sobre ele e logo depois, ainda do ônibus os alunos puderam observar a primeira igreja católica construída na região, que não pode ser visitada por pertencer a uma propriedade privada.

O terceiro ponto, é o encontro entre os rios Jaguari e Atibaia, estes originam o rio Piracicaba, marcam o início da área rural municipal e abrigam a primeira barragem construída na região, conhecida como a barragem de “salto grande”, ali os alunos puderam conhecer a origem da usina e de seu nome, que provem de uma grande queda d’ água responsável pela geração da energia, explicou-se também os motivos pelos quais a usina foi desativada.

Bem ao lado da usina, encontra-se um dos principais marcos históricos do município, o chamado Museu Histórico e Pedagógico Conselheiro Carrão, mais conhecido como “Casarão de Salto de Grande”. Este local possui mais de 200 anos e neste espaço são explicadas as origens do município, com o ganho de terras através das sesmarias. Explicou-se também sobre o processo de construção do casarão, os aspectos arquitetônicos da casa, mostrando a organização do quartos (quem dormia onde e porque), a razão do tamanho das janelas, os materiais utilizados na construção, a localização e algumas

diferenças nos costumes e organização social deste período. O casarão, é também o local utilizado para a explicação dos ciclos produtivos do município (cana, café, algodão, policultura), assim como as explicações e problematizações acerca da escravidão e das pessoas escravizadas que foram muito importantes neste período para a construção histórica do município.

De volta ao ônibus, os alunos são convidados a observar a divisa natural entre os municípios de Americana e Limeira, esta se dá pelo rio Piracicaba. Pouco minutos depois, entramos no quinto ponto do roteiro, a antiga Vila Carioba.

Carioba foi um bairro operário importantíssimo para o município, porém grande parte foi demolida na década de 1980, portanto neste local os alunos observam de dentro do ônibus a antiga escola, a sociedade do mútuo socorro (hoje adaptada como “casa do conto”), o açougue e algumas casas. O ponto de parada, é chamada “Casa de Cultura Hermann Muller”, esta casa pertenceu ao dono da antiga fábrica de tecidos que deu origem ao bairro e produção de tecido no município, que futuramente se transformou em um polo têxtil. Neste local, os alunos conhecem a história da fábrica, sua importância para o município, assim como conhecem um pouco melhor a origem e estrutura da vila operária, tudo que nela existia, o modo de organização da vida social na vila, com as diferenças e semelhanças nos costumes. Conhecem também, a estrutura da casa, esta pertencia a um outro período e a uma família alemã, portanto possui muitas particularidades e diferenças estruturais, os monitores explicam um pouco sobre a história da família, o modo de organização e distribuição dos quartos, dos cômodos e dos costumes.

Finalizadas as visitas, eles puderam dentro do ônibus visualizar um pouco da antiga fábrica de tecidos, neste local é possível através das construções identificar diferentes períodos e donos, através da arquitetura.

O sexto ponto é a biblioteca municipal, este prédio foi o primeiro grupo escolar da antiga Vila Americana, neste local os alunos conhecem um pouco da biblioteca e dos serviços que ela oferece, após uma breve visita, eles estudam com os monitores a imigração americana, seus ciclos de produção, as inovações e razões que os levaram a Americana, bem como sua participação

no desenvolvimento local e no próprio nome do município. Ali eles visitam brevemente a praça que fica em frente, com o busto em homenagem ao Comendador Franz Muller, fundador da fábrica de tecidos, personagem importante para o desenvolvimento da cidade. Ali também realizam o lanche.

O próximo ponto da visita, é a Estação ferroviária, atualmente esta funciona apenas com a finalidade de abrigar trens de carga; neste local os monitores explicam sobre a história de vila americana até se transformar em um município independente, mostram o busto de uns personagens da independência que ficam em frente a estação e da nome a outra avenida e mostram aos alunos algumas das transformações sofridas pelo local, bem como a importância da estação ferroviária em diferentes períodos, a utilidade de cada sala quando a estação estava em pleno funcionamento e ali os alunos visitam uma exposição com fotos do município em diferentes períodos, onde monitores destacam as diferentes vestimentas, arquitetura e alguns outros aspectos.

O último ponto da visita é o Centro de Cultura e lazer de Americana (CCL), neste local os alunos aprendem sobre o antigo parque ideal, um parque que teve grande importância e abriga diversas histórias e lendas locais, este parque foi extinto e no local construída uma das principais avenidas, avenida esta que abriga o CCL. Após a explicação, os monitores fazem uma gincana com perguntas e respostas sobre a história e sobre os locais visitados, os alunos participam em equipes respondendo as questões.

Durante o dia alguns pontos da observação foram destacados. O primeiro destaque é a ludicidade com que os monitores desenvolvem as explicações, realizando alterações de voz, utilizando acessórios como chapéus e outros recursos como fotos, vídeos, maquetes, pequenas dramatizações e principalmente a participação dos alunos, que são chamados a representar, a questionar e interagir com os monitores. Em cada local, eles utilizam um dos recursos ou abordagem, não as repetindo em outro local e eles interagem com os alunos durante todo o percurso, se espalham no corredor do ônibus para que todos possam escutar, conversar com eles e realizam perguntas. As crianças também ficam em constante interação, fazem comentários e comparações. O auge do roteiro, é a realização da gincana no final, onde todos

ficaram muito animados e se reuniram em grupo para descobrir as respostas das questões, eles precisam correr para poder responder e isto faz com se divirtam muito e criem ainda mais laços com os colegas e com os responsáveis pelo roteiro.

4.2.2 Análise dos Documentos

Dentre o material disponibilizado pelo Projeto, destacam-se os textos utilizados em fases antigas e nas atuais, bem como as atividades que eram e ainda são entregues aos alunos após a realização do estudo do meio, os relatórios com resultados anuais e as avaliações por meio das redes sociais.

Durante suas primeiras décadas, o projeto contava com uma apostila cujo conteúdo eram os primeiros aspectos da história municipal, esta era entregue para cada aluno participante. A apostila foi escrita pelo fundador em parceria com alguns outros autores do município. Esta foi utilizada por todas as administrações do roteiro, tendo alterações apenas na arte da capa, acompanhando os atuais governos e também acrescentando ou retirando logomarcas de empresas patrocinadoras.

A apostila é caracterizada por textos extensos, divididos pelos principais locais e marcos da história, ela inicia-se com o Casarão de Salto Grande e as Sesmarias, avança para a chegada dos americanos e alemães. Tem destaque para os ciclos produtivos, explicando os momentos em que foram cultivados, onde e por quem. Estes textos apresentam contextos históricos, datas, algumas imagens que ilustram as escritas e também apresenta em seu decorrer falas de antigos moradores, trabalhadores da fábrica de tecido e personagens que fizeram parte da construção do município.

Em relação as atividades entregues, poucas foram as encontradas, a maior parte delas não possuem cópias além das que eram distribuídas as escolas, portando descreve-se material encontrado, que para análise foi dividido de acordo com o período e administração do projeto. A primeira, refere-se aos anos 2000, aqui encontra-se um jogo da memória (onde interaciona-se fotos antigas e novas), um caça-palavras, uma atividade de verdadeiro ou falso e uma outra onde deve-se ligar a palavra a uma imagem que a represente. A segunda fase refere-se aos anos de 2004 e 2005, neste período encontrou-se um quebra-cabeças com a imagem de uma casa de

carioba, uma atividade que solicitava a realização de um desenho e uma que pedia que os alunos ligassem figuras a seu destino. A penúltima fase e a mais recente encontrada é a de 2007, nelas solicitava-se que os alunos associassem figuras que possuíssem algo em comum, um labirinto, um caça-palavras e uma com palavras cruzadas.

Entre os anos de 2007 e 2015 nenhum material foi encontrado.

A nova fase e administração do Projeto Raízes, teve início em 2016, onde todo o material passou por reformulações, através de pesquisas a equipe responsável formulou novos textos e atividades para que pudessem ser entregues. O projeto agora já não conta com nenhum tipo de patrocínio, portanto todo material entregue é confeccionado com os recursos disponibilizados pelas secretarias de cultura e turismo e educação. Os novos textos são disponibilizados para que as professoras trabalhem o conteúdo antes da realização do estudo do meio.

Estes textos estão organizados e formatados na forma de linhas do tempo, com datas e os respectivos fatos ocorridos neste período, descrevendo também os locais que marcam a história do município. Os textos entregues referem-se ao Casarão de Salto Grande, Carioba, Estação Ferroviária e Vila Americana, Imigração americana, família Muller Carioba e alguns outros marcos da história, estes temas eram anteriormente trabalhados e nesta fase foram apenas reformulados. Juntamente com as linhas do tempo, aparecem pequenos textos informativos, que tem tamanho de uma página no máximo, dentre eles, apenas um possui imagens, os outros possuem alguns quadros com curiosidades sobre os locais.

Além deste material descrito, criou-se também organogramas sobre famílias influentes na construção da cidade, bem como se disponibiliza informações sobre o portal municipal com informações a respeito das simbologias que este possuem e suas relações com a história. A pasta também possui a letra do hino municipal, mas nesta versão é entregue também um texto explicativo sobre a origem da letra, como este foi escolhido e também uma pequena biografia de seu compositor.

Em relação às atividades, estas também foram todas refeitas, ganhando novas características que as antigas não possuíam, como por exemplo, enunciados melhor elaborados com informações e curiosidade. A pasta de

atividades é composta por: um dominó (com formatação semelhante ao jogo palavras cruzada), duas atividades sobre simetria e assimetria, onde uma delas propõe a comparação de duas imagens e outra que se complementa o desenho de uma casa simétrica. Também encontra-se um caça-frases, palavras cruzadas, caça-palavras, caça-números, descubra a frase, enigma, uma proposta de redação e de confecção de um desenho, bem como uma atividade de propõe estabelecer relações entre frases e cores, uma de verdadeiro ou falso, outra que propõe a construção de frases para responder perguntas e por fim uma atividade de cartografia, que tem como proposta a interpretação de uma parte de um mapa municipal, pedindo que identifiquem o mapa e construam caminhos de um marco histórico para o outro, etc. Estas atividades são acompanhadas de suas respectivas correções, para que esta sirva como suporte ao professor.

Após os roteiros, os professores recebem também uma ficha de avaliação, ela passou a ser entregue a partir do ano de 2016 e através dos resultados obtidos por ela, são gerados relatórios anuais sobre o desempenho e resultados do projeto. Nesta ficha questiona-se a respeito da quantidade de alunos participantes naquele dia, se houve ou não estudos anteriores ao roteiro e se eles acontecerão depois. Pede-se também que os professores atribuam notas de 1 a 5 nos quesitos: Conteúdo, Materiais, duração, atuação dos monitores, linguagem utilizada e lugares visitados. Após isto, a avaliação é terminada com espaços para que os professores façam críticas, elogios ou sugestões, bem como descrevem o que gostariam que fosse mantido ou mudado no roteiro.

Analisou-se também a página do projeto em uma rede social, pois nesta, são postados curiosidades, divulgações de eventos históricos municipais e também informações sobre os roteiros e feedbacks das professoras e escolas participantes.

4.3 Resultados

A análise dos documentos atrelada a visita realizada, permite uma melhor compreensão do desenvolver do estudo do meio, com os estudos prévios, as idas a campo e realização de atividades anteriores, bem como

pode-se perceber algumas transformações sofridas pelo projeto e as implicações destas mudanças na aprendizagem dos alunos que fazem parte dele, pois o Raíces tem buscado voltar seus olhos aos aspectos pedagógicos e não apenas ao conteúdo histórico, para tanto buscaram por novas metodologias de se trabalhar o conteúdos e também novas formas de apresentar o texto e as atividades. Após as análises, foram também observados alguns aspectos, dos quais pode-se notar os resultados obtidos pelo Projeto Raíces.

4.3.1 Acompanhando um Roteiro.

Acompanhar um dia com os monitores do Projeto raíces, ofereceu a oportunidade de visualizar empiricamente os principais aspectos da ida a campo para o estudo da história, e a partir da observação, pode-se notar algumas características do estudo, bem como reações das professoras e alunos.

Já no início do dia, na saída da escola, a ansiedade dos alunos era quase palpável, todos muito animados, dedicaram-se a escutar os combinados realizados. Estes combinados, fazem-se importantes por tratar-se de locais históricos, que exigem cuidados específicos.

São realizadas explanações em todos os momentos, porém em alguns pontos os ônibus fazem pequenas paradas para explicar locais que não podem ser visitados.

Observa-se como relevante e importante, toda a exploração feita durante o caminho, desta forma, ninguém fica ocioso e pode-se explorar os aspectos artísticos, geográficos, históricos e ambientais durante todo o trajeto, como por exemplo, a mostra dos rios, o processo de erosão sofrido por um deles e alguns pontos como as casas da conserva e o Mercado Municipal que não se colocam como pontos viáveis para a visita neste roteiro e a rodovia Anhanguera, que possui um história que permite discussão de alguns conceitos, mas mostra-se também um local de extrema inviabilidade de visita, sendo então explorada dentro do ônibus. Pode-se destacar também o fato de que os monitores estabelecem diálogos com os alunos o tempo todo, tiram dúvidas e respondem questionamentos, eles se posicionam de maneira

estratégica no ônibus, um em cada parte, desta forma atendendo a todos e criando laços de amizade com os pequenos.

Durante o trajeto é possível perceber o caráter interdisciplinar do roteiro, pois como já citado, não se trabalha apenas a história, mas também outros conteúdos, esta interdisciplinaridade, pode também ser posteriormente trabalhada em meio as atividades em classe.

É preciso enfatizar também a linguagem utilizada durante o roteiro, os monitores em suas falas, utilizam até mesmo algumas gírias, com o objetivo de realizar aproximações entre os conteúdos e os estudantes, os textos e explicações foram adaptados, para que as explicações fiquem claras e compreensíveis a todos, durante o roteiro foi também possível notar que são realizadas alterações na entonação e no tom de voz, os conteúdos são explicados com expressividade por alguns monitores e isto faz com que as crianças escutem com mais atenção e cuidado.

Em cada um dos pontos, onde os alunos descem, visitam e conhecem o local, algumas coisas puderam ser observadas e merecem discussão. Observou-se que antes de quaisquer explicações, os monitores permitem que os alunos olhem e por poucos minutos explorem o local, pois trata-se de prédios, muito diferentes do que eles estão acostumados e esta primeira exploração é muito importante, pois se eles já chegassem no local falando os conteúdos, os estudantes ficaram distraídos e não escutariam com atenção a história contada. Outro ponto de destaque, é a comparação que se faz entre passado e presente, onde as crianças a partir de orientações, apontam as diferenças estruturais e arquitetônicas destes locais e discutem sobre as razões destas diferenças compreendendo alguns aspectos históricos. Por exemplo, na visita ao Casarão de Salto Grande, os alunos observaram a espessura das paredes e o tamanho das portas e janelas, e após discutirem sobre isto, os monitores explicaram que as paredes se apresentam desta forma, devido a técnica de construção utilizada no período, bem como as janelas precisavam ser maiores para a entrada de luz natural amenizando a falta de energia elétrica. Alguns outros pontos também chamar a atenção como, por exemplo, o tamanho dos quartos da Casa Herman Muller, cujo tamanho diminuía de acordo com a idade dos filhos, as crianças ficam muito impressionadas com esta informação, pois é algo incomum na atualidade, os

próprios PCN's (1997), apontam que elencar estas diferenças, é algo importante para a construção do pensamento históricos das crianças, e auxiliam na percepção dos diferentes tempos históricos e na compreensão sobre o passado e o presente.

A partir das visitas, os estudantes notam claramente algumas diferenças arquitetônicas, percebem como era no “ontem” e como é “hoje”. É possível perceber algumas das transformações nos espaços, nos objetos e principalmente nos costumes de diferentes períodos, os prédios e algumas ruas, permitem uma clara visualização das marcas que os diferentes períodos e as diferentes migrações deixam no ambiente, os aspectos culturais de cada lugar influenciam em sua construção e formação.

Possibilita o aluno perceber a sua vida dentro de representação temporal que relaciona o passado, presente e futuro. A compreensão da vida no tempo permite, a construção de identidades históricas, função principal da consciência histórica. (GERMINARI, BUCZENKO, 2012, p.134).

Discussões como estas para descobrir a função de algo, acontecem durante do roteiro, bem como alguns questionamentos que as vezes são feitos pelos monitores e outras pelos alunos. A falta de documentação histórica acerca da imigração africana e também dos povos indígenas na região, são alguns dos assuntos que ao longo do roteiro foram problematizados, os monitores explicam que os negros no período da escravidão, tiveram papel fundamental para a construção da histórica, bem como apresentam um pouco da realidade vivida por eles no período, e questionam sobre o que as crianças compreendem sobre isto, esta parte do roteiro, pareceu-me bem sensível, uma das salas possui no centro um tronco, local utilizado para açoite e algumas argolas onde os escravizados poderiam ser acorrentados e todos neste local sentiram-se um pouco entristecidos, por perceber que em nossa história, existem capítulos marcados por atos tão desumanos, mas que precisam ser lembrados para que os mesmo erros não sejam novamente cometidos e que esta forma de pensar não se perpetue.

A partir disto, outro ponto faz-se presente, ao adentrar um local com tanta história, sentimentos e até mesmo emoções são despertadas, em alguns lugares os alunos colocam-se eufóricos e querem descobrir um pouco mais, como por exemplo em uma sala de Casarão onde estão presentes projetores

de cinema, ou na estação de trem, porém em outros como esta sala com artigos da escravidão, eles se silenciam, pois o ambiente produz sensações e estas em geral são marcantes e produzem também um aprendizado.

O último aspecto destacado durante o roteiro, porém de extrema importância é a ludicidade presente nas explicações. Cada um dos pontos da visita, possui uma dinâmica para que sejam trabalhados os conteúdos, entre elas ocorrem dramatizações, maquetes, mostra de fotos e vídeos e brincadeiras. Nos momentos de pequenas dramatizações, os monitores convidam as crianças a usarem chapéus e crachás para que representem personagens históricos que tiveram papel significativo no município, bem como representam antigos maquinários de produção com o corpo, mudam suas vozes, fazem pequenas imitações e utilizam de maquetes para elucidar algumas partes da história, assim como as fotos e os vídeos que permitem que a criança visualize estes aspectos e apresentam também neste momento algumas falas de antigos moradores, que contam sobre bons momentos que viveram na estação de trem e a maneira como ela funcionava. Nestes momentos, é possível perceber a interação dos alunos com o que está sendo trabalhado, eles sentem-se como participantes e passam a se identificar com a história, associam nomes dos personagens com os seus familiares, brincam com os colegas e aqui pode-se exemplificar com um dos alunos que representou o pai e o outro representou o filho, que administrou os negócios da família, e o primeiro aluno ao escutar os feitos do outro disse “que orgulho de você filho, não vou me esquecer que você teve essa importância, foi graças ao que eu ensinei né”, neste momento, foi possível perceber a integração deste aluno com aquela história e também ficou notável que ele foi marcado por sua participação. As crianças compreendem melhor os conteúdos quando estes são trabalhados de maneira lúdica, estes momentos tornam-se marcantes durante o roteiro, e isto, pode ser notado na última dinâmica, onde os monitores através de uma pequena gincana, fazem questões sobre os aspectos abordados durante o dia, os alunos reúnem-se em grupos para responder e neste momento usam a dinâmica como forma de fortalecer seus argumentos e lembrar a resposta, é possível escutar pequenos diálogos, onde as crianças exemplificam com as dinâmicas, em certo momento a seguinte conversa se estabeleceu: “é esta resposta sim, eu lembro que o moço me

chamou pra usar o chapéu, o nome do homem da pergunta é Norris, Coronel Norris”. Uma outra aluna pediu para representar uma personagem chamada Margareth, pois era o nome de sua mãe e assim ao chegar em casa ela poderia dividir isto com a família. Dessa forma, é possível verificar que a participação destes alunos nas dinâmicas realizadas, foi marcante para eles estas funcionaram como detonadores daquelas memórias. Existem meios para que as memórias de determinado local sejam despertadas, estes podem ocorrer através de uma música, um cheiro ou outro fator, e neste caso, compreende-se a brincadeiras e a ludicidade como um detonador desta memória para os alunos participantes.

Durante o dia, foi possível notar também as relações realizadas pelos estudantes entre a história do município e seu contexto familiar, em uma parte do roteiro, um dos alunos pediu a fala e contou aos monitores que seu avô havia trabalhado naquela fábrica de tecidos e que ele e o pai contavam histórias parecidas com as que estavam sendo apresentadas por uma monitora, naquele momento foi perceptível que o estudo da história local, oferece voz aos sujeitos “comuns” da região e mostra aos alunos que a história é constituída por todos, este identificou membros de sua família como parte da construção histórica municipal, ele se identificou com a história, com o local, entendeu-se como sujeito pertencente a ela e teve a vida de seus familiares atreladas ao local onde viveu.

Ao longo do roteiro, foi ainda possível perceber que o município possui diversos patrimônios de caráter histórico, artístico e cultural e que se faz desconhecido por grande parte dos alunos, estes só tomaram conhecimento a partir dos estudos realizados pelas professoras e pelas visitas proporcionadas pelo projeto, isto nos mostra a desvalorização destes locais e a importância de que estes sejam conhecidos. As duas professoras presentes no dia, destacaram o fato de os locais estão mal preservados e o quanto é triste para a história municipal. Ao fim de um pequeno diálogo, uma professora disse que isto deve ser levado pra comunidade, pra que alguém cobre da prefeitura, porque estes lugares representam a história de Americana. A partir desta observação, pode-se notar e novamente enfatizar que quando não se conhece o local, ele não é valorizado e muito menos preservado, portanto é de extrema importância que as crianças conheçam o local onde vivem, conheçam o

patrimônio deste local e sua importância, se identifiquem com esta história e o mais importante valorizem e preservem-na.

Vivenciar este dia em companhia dos monitores, alunos e professores, possibilitou a observação de vários aspectos apontados pela teoria estudada, foi possível verificar aspectos da construção da identidade do pertencimento e preservação patrimonial. Compreende-se então, a ida a campo, como uma forma de facilitar o processo de ensino e aprendizagem e proporcionar vivências e experiências aos alunos e professores.

4.3.2 Análise dos Documentos

Como já citado anteriormente, foram analisadas as atividades, os textos e também os relatórios do projeto e a partir da análise é possível notar as alterações que ocorreram de uma fase para outra.

Os textos entregues para o prévio trabalho, sofreram alterações principalmente em sua formatação. A primeira apostila do raízes, utilizada durante décadas, apresentava-se em forma de textos extensos, porém trazia imagens e falas de alguns antigos moradores, as falas trazidas na apostila, permitem que pessoas “comuns” moradores da cidade tenham voz na construção da história e através delas pode-se conhecer melhor sobre algumas curiosidades, bem como as imagens permitem uma melhor visualização do conteúdo, de maneira que as crianças percebam de maneira visual algumas das informações que estão sendo apresentadas, porém os textos extensos dificultam a leitura de alunos que ainda não estão tão habituados e estes textos, possuem uma linguagem mais rebuscada, com vocabulário que ainda está um pouco distante daquilo que os alunos leem com mais facilidade, fazendo com que apareçam dificuldades na leitura, como pode-se perceber no trecho

Para cá afluíram muitas famílias a partir de 1866, as quais com presteza passaram a cultivar essas terras com algodão. Destacou-se como pioneiro da imigração o Coronel William Hutchinson Norris que fora senador no Alabama. (Apostila Americana Conta sua História, 2007, p.4)

Os textos pertencentes a nova fase, são agora apresentados no formato de linha do tempo, com as datas seguidas por informações importantes, assim como algumas curiosidades.

Com esta nova formação, é mais fácil estabelecer prioridades para trabalhar cada conteúdo, mas os professores podem buscar por complementos caso considerem necessário. Uma característica bem positiva destes textos atuais, é a linguagem com que foi reescrito, pois volta-se mais ao público infantil, de modo que pode facilitar a compreensão, como pode se perceber pelo trecho abaixo destacado, retirado da nova apostila, cujo conteúdo é o mesmo do trecho acima apresentado.

Chega à região um grupo de imigrantes americanos que, devido à derrota na guerra da Secessão, deixam os Estados Unidos e se instalam na região sob representação do coronel Willian Norris. (Apostila Raízes, 2017, p.3).

Porém os textos já não mais trazem imagens, apenas em um deles, o que se justifica pela ausência de patrocínios, mas este recurso seria bem válido para ampliar o aprendizado, os textos também não mais trazem as falas dos antigos moradores.

Dentre estes textos, destaca-se ainda o texto referente ao hino do município. Este hino apresenta aspectos históricos do municípios, após os estudos os alunos leem sua letra de uma outra forma, compreendendo aspectos do que esta sendo dito. Pode-se dizer ainda que é muito interessante apresentar não apenas a letra, mas também a história da escolha do hino e biografia do autor, que tornou-se um músico influente na cidade e isto permite que os alunos se aproximem da história que ali esta sendo contada. Outra parte do texto que chama atenção, é o organograma das famílias que fizeram auxiliaram na construção de uma importante parte da história, pois esta facilita a compreensão de algumas explicações que acontecem no roteiro, bem como a explicação das professoras em classe.

Dentre as atividades é possível notar também uma grande mudança, em primeiro lugar a nova fase do projeto traz uma maior variedade de atividades, propondo a realização de diferentes tarefas, como por exemplo das atividades de verdadeiro ou falso, as atividades atuais, solicitam que os alunos e professores, justifiquem as alternativas marcadas como falsas, para que

assim as crianças pensem nas razões pelas quais elas estão assinalando uma resposta, bem como busquem descobrir a verdadeira afirmação.

Entretanto, o maior destaque se dá pela inserção de enunciados nas atividades, estes, apresentam curiosidades, trazem novas histórias e retomam aspectos trabalhados durante os roteiros. A principal função dos enunciados, é proporcionar significados as atividades, para que não sejam palavras quaisquer que devem ser colocadas nas “palavras-cruzadas” ou buscadas no caça-palavras, mas sim, uma atividade onde as crianças deverão encaixar partes de uma frase, cujo texto permite a retomada de um conteúdo. Os enunciados, facilitam também a compreensão do que deve ser feito em cada atividade e auxilia os alunos na busca por meios de resolvê-la.

É possível notar a diferença entre os dois modelos (vide anexos 1 e 2), pois a segunda atividade traz um texto informativo sobre uma curiosidade do município, contando a história de um personagem local e identificando o porque os alunos devem buscar por estas palavras, elas estão significadas, já na primeira o caça-palavras não tem tanto sentido, por tratar-se de palavras que fazem parte da história mas colocam-se de maneira aleatória.

Outra característica presente, é o caráter interdisciplinar das novas atividades, pois elas propõe trabalhos com a geografia utilizando não apenas os conceitos mas também o mapa de uma parte do município, apresenta também a matemática com a atividade simetria, permite o trabalho com redações e interpretação de textos e também o uso do desenho, as atividades são em geral lúdicas e podem ser exploradas pelo professor em sala de aula após os roteiros, onde estes podem fazer uso da música ou de outros aspectos para criar novas atividades e estabelecer relações com diferentes disciplinas.

Por fim, foram analisados os relatórios dos anos de 2016 e 2017. Estes não eram antes produzidos, por isso apenas estas duas datas. Estes relatórios apresentam informações sobre o trabalho realizado nestes anos e os resultados obtidos, estes relatórios resultam da análise das fichas de avaliação, entregues aos professores ao fim de cada roteiro. Nestes últimos dois anos, o projeto atendeu cerca de 2.323 alunos da rede municipal e privada de Americana, estes alunos em sua maioria estão no ensino fundamental, mas o projeto também realiza roteiros com alunos de outras faixas etárias. Estes roteiros, são distribuídos ao longo do ano, através de agendamentos prévios.

Os gráficos apresentados nos relatórios demonstram que a maioria do professores já conheciam o projeto antes da visita. Em, 2016 93% já haviam participado em fases anteriores e em 2017, 83%. É possível perceber também, que a grande maioria do professores que responderam a ficha de avaliação, trabalha os conteúdos antes da visita e pretendem realizar trabalhos posteriores.

Isto acorda-se, segundo Lopes e Pontuscka (2009), ao real exercício dos estudos do meio, onde espera-se que os professores realizem trabalhos prévios a visita dos locais, bem como retomem estes conteúdos posteriormente, para que as idas a campo, não tornem-se atividades sem significado ou simples “passeios” escolares.

Em meios aos outros aspectos questionados, o projeto tem recebido avaliações muito satisfatórias nestes dois anos, em geral os professores elogiam a escolha dos locais, a linguagem e atuação dos monitores, mas os maiores elogios, relacionam-se aos diversos materiais e recursos utilizados (como as dramatizações, maquetes, vídeos e fotos) aponta-se ainda, como elogio, a aproximação do roteiro com as crianças. (AMERICANA, 2016.p.9);(AMERICANA, 2017.p.9).

Como aspectos negativos, foram apontados o pouco tempo para a realização das visitas, e a realização de mais paradas ou visitação de mais locais, colocação de mais objetos antigos nas visitas, destacaram também a compra um microfone mais potente para o ônibus. Outra critica apontada por alguns professores refere-se a falta de conservação de alguns dos locais visitados, porém o relatório explica que isto não compete ao projeto e sim ao setor histórico cultural de Americana. (AMERICANA, 2016.p.10);(AMERICANA, 2017.p.10). Porém de maneira geral, foi possível perceber uma avaliação positiva em relação ao projeto Raízes e ao trabalho que vem realizando no município.

Apesar destas e outras dificuldades enfrentadas pela equipe do projeto Roteiro Raízes, este pode ser retomado de maneira positiva, alcançando resultados satisfatórios. (AMERICANA, 2016, p. 11)

Desta maneira, apesar dos percalços enfrentados durante o ano, o Projeto Raízes se manteve, alcançando resultados satisfatórios através da execução de um trabalho que visa despertar nos locais o sentimento de pertencimento a história do município, buscando estimular a conservação dos

patrimônios do mesmo e a curiosidade pela histórica local. Em suma, a trajetória do Roteiro Raízes no ano de 2017 é considerada satisfatória e espera-se que no próximo ano sejam ampliados os resultados obtidos, além de continuar executando um trabalho de qualidade. (AMERICANA, 2017, p.12)

Ainda com algumas críticas realizadas e dificuldades encontradas pela equipe em relação a falta de recursos e de tempo, o projeto tem apresentado resultados muito satisfatórios e auxiliado as crianças em seu processo de ensino e aprendizado, proporcionando experiências e vivências acerca do conteúdos que é trabalhado em sala.

Além dos relatórios, a equipe Raízes, utiliza de suas redes sociais para publicar alguns dos resultados do projeto, bem como divulgam alguns dos trabalhos que são realizados pelas escolas, após as visitas, algumas utilizam a temática para realizar feiras culturais e outras atividades, como pode-se notar nas imagens.

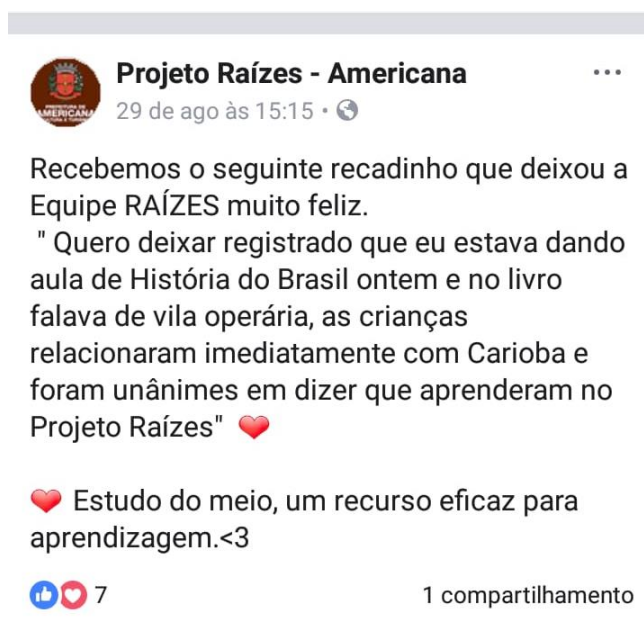


Figura 1 – Mensagem de uma professora que participou do Projeto Raízes com seus alunos



Figura 2 – Trabalhos realizados a partir das participações do roteiro Projeto Raízes.

A partir de toda a análise dos conteúdos, pode-se conhecer um pouco melhor sobre o roteiro, observando alguns de seus principais aspectos, seus objetivos e os resultados obtidos por ele.

Realizadas as análises, tornou-se possível perceber através do Projeto Raízes, que os Estudos do Meio possuem capacidade efetiva de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da História, através das visitas as crianças conhecem a história do município e se reconhecem como sujeito desta história, desperta-se o sentimento de pertencimento a um local e permite-se que os alunos vivenciem os locais históricos e coloquem-se como pequenos pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de História muito se transformou até reconhecer a importância do estudo da História local e entende-la como uma oportunidade de tratar questões com certa complexidade, a partir das experiências das crianças e daquilo que elas vivem cotidianamente, favorecendo uma verificação empírica destes conceitos. Callai e Zarth (1997) apontam que nesta fase a criança está trabalhando com aspectos concretos, presentes e observáveis, portanto é importante pensar sobre a história de sua própria família, de sua escola, de seu bairro e seu município, porém compreendendo-a como parte de algo maior e mais amplo. Como educadores, temos a responsabilidade de ensinar uma História que faça parte do dia a dia do aluno, pois somente assim o ensino de História para eles terá outro significado e sua aprendizagem será reconhecida por todos.

A escola pode representar assim, um local onde as crianças possam conhecer sua história e de sua comunidade, para que notem as influências e participações da população e as transformações locais. O contexto escolar poderá favorecer a aquisição destes conhecimentos, bem como auxiliar o desenvolver do sentimento de pertencimento e na construção de sua identidade e historicidade.

Compreende-se então, que o Estudo do Meio é um excelente método para a construção do conhecimento histórico por professores e alunos, propiciando a pesquisa, o contato com o meio e com os sujeitos da história. Este é um recurso que muito pode contribuir para a construção de todo este conhecimento, pois através dos estudos e das idas a campo, os alunos podem se aproximar do patrimônio histórico, cultural e social, aprendendo a amá-los e conservá-los, bem como ao conhecer sua história atrelando-as a a história de sua própria família ele sente-se pertencente ao local e identifica-se com ele. Estes estudos permitem que os alunos se coloquem em uma posição investigativa, onde podem refletir sobre seus estudos e passem a olhar o lugar onde vivem com mais criticidade e atenção, ampliando assim as possibilidades de participação e transformação social, sem deixar de valorizar a história do local e dos sujeitos que a compõe, oferecendo “voz” aos diferentes sujeitos da

história. Desta forma, o estudo de História torna-se mais significativos para os estudantes.

O Projeto Raízes possibilitou a confirmação destes aspectos. Através do estudo de caso, pode-se notar que é possível utilizar o Estudo do Meio como recurso de trabalho para o aprendizado não só da História, mas de outras disciplinas também. A partir dos roteiros, os alunos vivenciam e observam algumas das transformações sociais sofridas por seu município, conhecem também diversas curiosidades, aspectos culturais e também históricos, atendendo assim as motivações do projeto que visa aproximar a história local dos estudantes da rede municipal.

A educação histórica é necessária ao indivíduo por favorecer a formação de sujeitos possuidores de uma historicidade, construindo sentimentos de pertencimento e amor pelos locais e seus patrimônios, permitindo que estes enxerguem o lugar em que vivem de maneira crítica, identificando-se com ela e se reconhecendo como parte de sua história e formação.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. Cengage Learning Edições Ltda, 2011

ABUD, Katia Maria; RIBEIRO, Regina Maria de Oliveira; HISTÓRIA, Grupo Referência de. **O currículo de História nos Anos Iniciais**. orientações curriculares do estado de são paulo – ensino fundamental – anos iniciais. 2012

AMERICANA, Prefeitura Municipal de. Secretária de Educação. **Proposta Curricular da Educação Básica**. Americana, 2011.

AMERICANA, Secretarias de Cultura e Turismo e Educação de Americana - Projeto Raízes. **Apostila, Americana Conta sua História**. Americana, 2007. Documento Mimeografado.

AMERICANA, Secretarias de Cultura e Turismo e Educação de Americana - Projeto Raízes. **Apostila Projeto Raízes**, Americana, 2016. Documento Mimeografado.

AMERICANA, Secretarias de Cultura e Turismo e Educação de Americana - Projeto Raízes. **Planejamento e Itinerário**. Americana, 2016. Documento Mimeografado.

AMERICANA, Secretarias de Cultura e Turismo e Educação de Americana - Projeto Raízes. **Relatório Roteiro Raízes**. Americana, 2016. Relatório Mimeografado.

AMERICANA, Secretarias de Cultura e Turismo e Educação de Americana - Projeto Raízes. **Relatório Roteiro Raízes**. Americana, 2017. Relatório Mimeografado.

ANDRÉ, Marli. **Estudo de Caso: seu potencial na Educação**. Cad. Pesq., (49): 51-54, maio 1984.

ASSIS, Elisabete Xavier de; BELLÉ, Kássia; BOSCO, Vania Dilma. **O Ensino da História Local e sua Importância**. REDIVI - Revista de Divulgação Interdisciplinar do Núcleo das Licenciaturas.2013.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de História, Memória e História Local**. 2007. Disponível em <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/1451>> acesso em: 1 de agosto de 2018.

BATISTA, Maria Luiza Lampert; BATISTA, Natália Lampert; OLIVEIRA, Daniel Feltrin de; AUZANI, Gislaine Mocelin; ORTIZ, Ail Conceição Meireles. **estudo do meio como proposta pedagógica na dimensão interdisciplinar**. 2012

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. Editora Cortez, 2012.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. Capítulo 1 e 2, p. 19 – 51.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino de História no Ensino Fundamental. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. História e Geografia. Brasília, 1997

CAINELLI, Marlene. **A Escrita da História e os Conteúdos Ensinados na Disciplina de História no Ensino Fundamental**. Educação e Filosofia Uberlândia, v. 26, n. 51, p. 163-184, jan./jun. 2012.

CALLAI, Helena Copetti; ZARTH, Paulo. **O estudo do município e o ensino de História e geografia**. Editora Unijui., 1997.

CALLAI, Helena Copetti; **O estudo do lugar como possibilidade da construção da identidade e pertencimento**. VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de ciências sociais. Universidade de Coimbra, Coimbra – Portugal. Anais, 2004. Disponível em <<https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>> Acesso em 19 de outubro de 2017.

CALLAI, Helena Copetti; **O Estudo do Município ou a Geografia nas Séries Iniciais**. Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 31-34, dez., 1995. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38030/24532>> acesso em: 15 de maio de 2018.

CRUZ, Suzana de Fátima Camargo Ferreira da. LOPES, Mario Cezar; **Velhas Metodologias, Novos Olhares: O caso do estudo do meio**. 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/137174582/52-4>> acesso em: 31 de junho de 2018.

GERMINARI, Geyso; BUCZENKO, Gerson. **HISTÓRIA LOCAL E IDENTIDADE: UM ESTUDO DE CASO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA**. História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 2, p. 125-142, jul./dez. 2012

LESTINGE, Sandra Regina. **Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento**. 2004. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. **Estudo do meio: teoria e prática**. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/561488/mod_resource/content/1/estudo%20do%20meio.pdf>. Acesso em: 9 de outubro de 2017.

MORICONI, Lucimara Valdambrini. **Pertencimento e Identidade**. 2014. Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação. Campinas. Disponível em <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000944186> Acesso em: 14 de outubro de 2017.

NADAI, Elza. **O Ensino de História no Brasil: Trajetória e Perspectiva**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 13, n. 25/26, 1993. Disponível em <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=30596> acesso em 20 de outubro de 2017.

NEVES, Joana. **História Local e Construção da Identidade Social**. Saeculum – Revista de História. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997.

NORONHA, Isabelle de Luna Alencar. **Livro didático e Ensino de História Local no Ensino Fundamental**. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História - 2007

SILVA, Marcos Antonio da; FONSECA, Selva Guimaraes. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas** (History teaching today: wanderings, gains and losses). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33 – 2010.

SOUZA, J. & KANTORSKI, L.P. & VILLAR Luis, M. A. **Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental**. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, 25(2) 221-228. 2011

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se...em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: Vesentini, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004, p.249 - 288.

SÃO PAULO, Secretária da Educação – Coordenadoria da gestão da educação básica. **Orientações Curriculares do Estado de São Paulo – Ensino Fundamental – Anos Iniciais**. São paulo, 2012

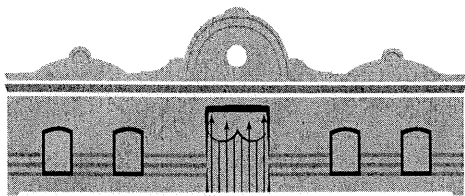
SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. Editora Spicione, 2006.

VENTURA, Magda Maria. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. Rev SOCERJ. 2007;20(5) p.:383-386.

ANEXOS

Anexo 1 – Atividade utilizada antes da reformulação

Anexo 2 – Atividade da fase atual com enunciado.

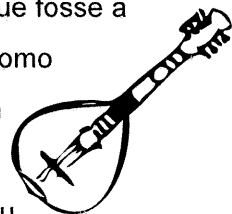


Roteiro Raízes

Caça - Palavras

Germano Benencase

Germano Benencase, conceituado maestro de nossa cidade, nasceu em Palermo, **Itália**, em 1895 e chegou a Americana em 1902. Seu pai, o **alfaiate** Tarquínio, insistia para que ele seguisse sua profissão e impedia veementemente que seu filho se dedicasse à música. Germano relutava e dedicava-se aos estudos da **música** sem o conhecimento de seu pai. Certo dia, Tarquínio pediu ao seu filho que fosse a **Carioba** cobrar uma dívida. Com o dinheiro recebido, Germano comprou um **bandolim**. Como castigo, seu pai lhe dá uma violenta surra que o deixa trinta dias acamado. Como o jovem não apresentava melhoras, chamaram então o Dr. Liráucio Gomes para atendê-lo. O **médico**, conhecendo a vocação artística do rapaz e sensibilizado pela gravidade de seu estado físico e psicológico, pediu ao pai para que consentisse que o jovem se dedicasse à arte. Finalmente, com o consentimento de seu pai, Germano Benencase tornou-se exímio **compositor** e **regente** da **orquestra** da cidade. (Fonte: Descobrimdo Americana)



Encontre no diagrama abaixo as palavras que estão destacadas no texto acima.

A	M	O	R	C	O	M	P	O	S	I	T	O	R	A	L	G	N	O	P
A	S	D	E	H	J	C	O	M	B	C	A	R	I	M	Ú	G	M	Y	A
E	O	Z	X	C	V	B	N	M	O	P	T	I	R	E	G	E	V	I	Z
Q	R	E	R	T	Y	U	I	I	H	K	Á	T	D	I	T	R	N	J	S
S	Q	E	S	C	O	L	N	O	N	G	U	B	D	F	G	M	M	O	M
X	U	O	R	M	É	D	I	C	O	P	L	A	R	F	B	A	C	A	A
V	E	Q	U	E	S	T	A	X	C	B	U	N	A	L	F	N	R	I	N
N	S	Ç	Ã	A	S	D	F	G	H	I	J	D	L	A	S	O	V	B	O
O	T	I	O	X	A	M	O	R	T	R	U	O	F	U	J	P	X	Z	R
I	R	E	G	E	N	T	E	V	B	P	F	L	A	O	R	Q	U	E	Q
S	A	M	I	Z	A	D	E	F	É	S	X	I	E	G	A	C	N	Y	U
P	S	S	A	L	F	A	L	R	T	B	J	M	H	T	A	A	I	S	E
A	A	Ç	Ã	O	B	O	T	R	R	Z	A	F	V	R	I	R	A	N	P
Z	V	R	I	T	Á	L	I	A	O	R	I	T	Á	C	A	I	D	É	R
X	M	É	D	I	X	F	R	M	Ú	S	I	C	A	V	M	O	É	D	A
C	D	G	H	J	L	O	P	Q	U	E	S	T	V	A	R	B	Á	C	Ç
V	V	A	L	F	A	I	A	T	E	N	P	Ç	I	S	S	A	R	T	K

CAÇA PALAVRAS

Encontre as palavras no quadro abaixo

Secretaria de
Cultura e Turismo



MÜLLER
ABDALLA
SECESSÃO
CONFEDERADOS

BASÍLIO
QUILOMBO
USINA
TECIDO

PARQUE IDEAL
AGAR LOBO
MACHADINHO
RAÍZES

I	F	H	J	O	P	D	E	A	L	E	U	S	I	M	P	S	A	P	P
E	T	E	C	I	D	O	W	E	W	C	A	D	V	X	N	M	B	C	O
P	Q	S	T	B	A	S	D	F	I	M	B	E	H	A	V	F	A	L	J
D	Y	M	N	I	P	F	U	G	D	H	D	R	U	P	R	B	S	T	K
Q	K	O	H	C	M	A	Q	R	A	E	A	T	L	R	A	Q	I	E	W
I	C	P	J	L	G	M	R	C	Y	C	L	J	F	M	W	Ç	L	C	Q
C	W	M	P	A	C	N	D	Q	O	D	L	K	D	Z	F	A	I	I	A
O	U	R	K	P	Q	S	F	P	U	W	A	G	T	P	G	G	O	P	A
N	I	Ç	I	R	O	H	E	D	H	E	Z	B	L	R	A	A	H	J	N
F	E	I	G	R	L	W	B	C	P	C	I	W	F	C	Q	R	M	G	I
E	R	H	A	F	M	U	L	L	E	R	W	D	H	N	Z	L	X	F	S
D	G	C	G	E	K	P	F	H	L	S	K	G	E	G	X	O	I	Z	U
E	W	A	P	Q	U	I	L	F	D	S	S	J	W	A	B	B	R	P	Z
R	F	Q	R	A	I	W	A	R	T	J	Q	A	A	X	L	O	P	Q	N
A	G	P	M	I	B	C	G	E	C	I	Ç	V	O	J	N	W	F	R	D
D	X	I	C	Ç	M	U	L	L	I	M	Q	D	K	Ç	U	T	B	P	N
O	B	M	O	L	I	U	Q	C	R	L	Y	R	A	I	Z	E	S	K	G
S	A	L	T	W	A	P	D	S	X	H	H	J	R	E	M	S	A	W	B
J	O	H	W	L	P	U	F	H	Y	M	A	C	H	A	D	I	N	H	O